

# *Inspirações*

**de Camilo Castelo Branco**

## ÍNDICE DOS POEMAS

O teu livro  
Traição e vingança  
A uns anos  
Não chores  
Adeus'  
A harpa do céptico  
A Clara Belloni  
Verdades  
Amai a Deus  
Fragmentos do livro de \*\*\*  
Um anjo  
O Templo  
Lamentações de Jeremias  
O canto do suicida  
Improviso  
Vivia!  
O órfão  
A viúva  
Se quisesses!  
A Francisco Joaquim Bingre  
Consciência  
Queres a flor?  
Febre  
Tentação  
O monge  
Protesto

A...

São teus os carmes, que escrevo,  
Teus, meu anjo inspirador,  
Tu me inspiras na alegria;  
Também m'inspiras na dor.

## O TEU LIVRO

*Chatterton*

.....  
La poésie! – elle ma sauve...  
elle m'a perdu!

*Quaker*

Et à présent que fais-tu done?

*Chatterton*

Que sais-je?... j'écris. – Pourquoi?  
Je n'en sais rien... Parce qu'il le faut...

CHATTERTON (*Alfred de Vigny*)

Um livro, anjo do céu, quero ofertar-to,  
Não rico d'instrução; pomposo e altivo  
De sentimento, sim! – Filho dest'alma,  
Nasceu-me entre gemidos, e martírios,  
E lágrimas de fel... Mal sabes quanto  
De profundo sofrer m'inspira os hinos  
Que ali dispersos vês nas pobres páginas,  
Tão pobres para ti, pérola augusta  
Da coroa do Senhor!... Mal avalias  
O fel que aí repassa as minhas trovas,  
As tuas... minhas, não – que eu nada tenho  
Além do teu amor!

Vivi, sozinho,  
Muito longe de ti, entre as fraguras  
Dessas serras d'além, onde a tristeza  
Esmaga o coração, qual o rochedo,  
Que lá nos calvos serros se debruça,  
Pensando em peito de homem!... Tristes versos  
No ermo descantei!... a dor mos dava,  
A dor mos inspirou! Trovas descrentes,  
Não luzem de prazer, não tem um nome  
Perfumado no amor, rindo ao futuro!

Peregrino, sem fé, estranho ao mundo,  
Busquei no meu deserto abrigo ao menos  
Aonde repousar do afã da vida  
Mentida d'ilusões. Ânsia de morte  
Passou-me o coração... – senti-me baldo  
A todo o sentimento, a toda a crença  
Na terra, onde viver tanto que eu tinha!  
Afeito ao meu sofrer, achei um instante

De santo refrigério. Circunscrito  
Aos meus, tão meus amargos pensamentos,  
Pedi à fantasia uma quimera,  
Uma 'strela, uma flor, um anjo, um sonho,  
Que eu carecia d'amor, e exaurido  
Na ânsia da paixão, não tinha um raio  
De luz celestial nesta negrura  
D'espírito sem fé, nem luz, nem vida!  
Sonhei-te, errante sombra! – eu vi-te a imagem  
Envolta nos arminhos transparentes  
D'um êxtasis do céu... Vi-te um sorriso  
Pendente em lábios virgens, onde o orvalho  
Da cândida inocência rociava  
Um hálito de vida! Cantos místicos  
Fervorosos d'amor, indefinidos  
D'aspirações tão vãs, mas tão passadas  
De ternura e de fé... sagrei-tos, anjo,  
No silêncio da dor, como um gemido  
Soltado na soidão d'amplo deserto,  
Gemido só p'ra Deus, defeso aos homens!

Não eras tu nesse tempo  
Profeta de coração?  
Não previas uma vida  
A pedir-te animação?

Não sonhavas esta imagem  
Como eu sonhei a tua?  
Não a buscaste de noite  
Entre o cortejo da lua?

Não escutaste uma estrela,  
Que te falava de mim?  
Aos teus sonhos d'inocência  
Não quiseste achar um fim?

Não tinhas na harpa da alma  
Vagos sons sem harmonia?  
Não sentiste um hino dentro  
Em vibrações de poesia?

Uns olhos, que tinham fogo,  
Não cintilaram nos teus?  
Tinhas sentido já doutros  
O que sentiste dos meus?

Tinhas já visto uma lágrima  
Em faces d'homem brilhar?  
Viste um gemido espontâneo  
Gélidos lábios queimar?

Ouviste igual juramento  
Dado em presença dos céus?  
Alguém, pedindo-te amor,  
Jurara o nome de Deus?

Quero dar-te o meu livro, embora o rasgues...  
Se em tuas mãos viveu breves minutos  
De mais foi venturoso!... Se dentre elas  
Desfolhado caiu... que importa?... o goivo  
Colhido entre sepulcros não se mirra  
Em dedos inocentes? Pode o aroma  
Da flor, que emurcheceu, valer um riso  
À pobre que não tem outra existência,  
Outro lindo verdor de primavera?!...

.....  
É este o meu tesouro d'amarguras!...  
Das páginas, que tem, se alguma vires  
Matizada d'amor... crê que um delírio  
Dest'alma, que repele o desalento,  
Aí gravado foi... Se desditosa  
A vida te correr... quem sabe... um dia...  
Recorda-te da infância, abre esse livro,  
Um bálsamo, um consolo acharás nele.

Mal sabes que prazer revive n'alma,  
Embora angustiada na saudade,  
Se das grandes paixões resta a memória!

**TRAIÇÃO E VINGANÇA**  
**(A MINHA PRIMEIRA POESIA)**

I

Um cavaleiro partira  
A batalhar por Jesus:  
Negro era o manto, e a cota,  
Era d'ouro a espada e cruz.

Se foi a amante, se Cristo  
Que nas lutas invocou,  
Não no dizem – que não podem –  
Os hereges que matou.

Entre as hordas agarenas,  
Quem o viu – rei do terror –  
Nuvem de pó, e de sangue  
Entre arrancos d'estertor...

Quem o viu rasgar coa lança  
Um 'squadrao cerrado, inteiro,  
Não nos conta se era raio,  
Satanás, ou cavaleiro!

A viseira nunca erguera,  
Nem despregara o broquel...  
Quem lhe visse a face torva  
Vira-lhe um riso cruel...

Ao mal-f'rido contendor,  
Quando aos pés lhe agonizava,  
No extremo arfar da vida  
Uma risada lhe dava.

Ninguém trava armas com ele  
Que lhe ás mãos alfim não morra!  
– Era a cólera do Eterno...  
Era o anjo de Gomorra!

Se dormiu, foi entre mortos,  
Que, feroz, acutilou...  
Respira sangue, e extermínio  
E carnagem, se acordou.

Um arranco d'agonia,  
Mal no céu raiava a luz,  
Encantava o cavaleiro,

Era o seu sinal da cruz.

## II

Cavaleiro! a tua hora  
De morrer chega também!...  
Olha... aqui... um filho chora...  
Tinha um pai... mataste-o agora...  
Não lhe deixaste ninguém!  
Olha a esposa abandonada  
Num cadáver abraçada  
Naquele cerro d'além!  
Cavaleiro! o frio norte  
Vem murchar o teu laurel!  
O fatal sopro da morte  
Não recua à malha forte  
De teu ferrado broquel!  
Por que dama batalhaste?  
Por que Deus acutilaste?  
Quem te fez assim cruel?

.....  
.....

## III

Que lindas, custosas festas,  
Vão lá no paço real!  
Que ricas bodas são estas?  
– Casa o rei de Portugal?

O rei, não, mas D. Fernando,  
Seu irmão, vai-se a casar  
Das herdeiras coa mais rica  
Virgem, formosa Guiomar.

Vede-lhe as faces tão lindas  
D'inocência e candidez!  
Vede ali se pode um crime  
Revelar aquela tez!

Não lhe punge inda o remorso  
No seu virgem coração;  
Ela é cândida florinha,  
O amor é viração.

Viração, que as lindas faces  
Lhe faz de pejo corar!  
Inda não sabe... não sente...  
Que amarguras tem o amar!...

Menestréis! tangei um hino  
A formosa Guiomar!  
Duma coroa, vinde, ó virgens,  
A formosa engrinaldar

.....

.....

#### IV

À porta do salão um vulto assoma...  
Traz negra a fronte, negra a vestidura;  
De sangue salpicada a férrea cota  
Estátua ensanguentada se figura!

Quem é? Ninguém o sabe! Um grito ardido...  
A estátua sepulcral mostra que fala!...  
O eco, ao longe, repetiu – *perjura* –  
Terror de morte se incutiu na sala!

Vede a face da donzela,  
Vede-lhe a mimosa tez...  
A *perjura* será ela?!  
Vede aquela palidez!

A poucos passos, majestosos, lentos,  
Bem perto de Guiomar, turba d'assombro,  
O vulto pára, e a viseira erguendo,  
A férrea mão lhe põe no débil ombro...

«Conheces-me, Guiomar? Não te recordas  
«Dum tempo que já foi tão prazenteiro!...  
«Recordas ter amado, e ter traído  
«A fé que te empenhara um cavaleiro?

Vede a face da donzela,  
Vede-lhe o pranto a correr!  
A *perjura* será ela?!  
Que triste sorte vai ter!

«Nos combates, mulher, vendi minh'alma  
«Ao Rei do Inferno, ao Satanás das iras;  
«Com meus guantes esmaguei mil peitos  
«Inocentes... sem crime... e tu respiras!...

«Não sabes a que eu vim? – Venho a pedir-te  
«As crenças infantis que mataste!...  
«Confiei-te esta existência... dá-me a vida...  
«Dá-me a esp'rança do céu, que me roubaste!»



Vede a face da donzela  
Roxa, lívida, mortal...  
Adivinha ela que morre...  
Certo é... ninguém lhe val!

V

Tinha o olhar do cavaleiro  
Um fitar fascinador...  
Ninguém quer falar primeiro...  
Temem todos seu furor!

Quem o viu no arraial  
Rojar a morte, inclemente,  
Teme-lhe agora o punhal  
Sobre a vitima pendente!

Um corpo débil caiu  
Mal do guante foi tocado...  
Ai! Guiomar...! pede perdão...  
Que o punhal cintila irado!

Pede perdão ao traído...  
Dá-lhe as crenças... dá-lhe o amor...  
Já no ar vibrando o golpe  
O punhal lampeja .....  
..... Horror!

\*

Morreu ao despontar-lhe o sol da vida  
em tão ledo festim!...  
Foi-lhe cara a traição á fementida...  
Bem triste foi seu fim!...

---

Mulher! se te contei desta perjura  
As contas que, ela deu...  
Não temas... vingador de mão segura,  
É o remorso... que é teu!...

10 de Abril de 1845.

## A UNS ANOS

Não é marcada aos anjos duração:  
Se na terra poisaram leve instante,  
Prestai-lhe adoração.  
Depressa o voo seu vai arrogante,  
Das misérias da terra triunfante  
Ao seio do Senhor;  
Depressa o rijo sopro da desgraça  
A alma, que é do céu, cá despedaça  
Nas angústias da dor.

Estende os olhos teus por toda a face  
Da terra aonde estás – mostra-me aí  
Um anjo qual tu és!...  
Que riso de mulher que não matasse?

Qual é que uma traição não guarda em si?  
Quem é que um tenro amor não calca aos pés?  
Muitos anjos eu vi  
Na cega adoração;  
Mas eu, sem crer no amor, só foi em ti  
Que achei um coração.

És um anjo, mulher, que a tua sina  
Foi no mundo sofrer desde menina...  
Escrava duma lei...  
Não viveste pra ti; – douraste a vida  
A quem ta não dourou!... eras nascida  
Pra mim... que te adorei.  
Divina, sem rival, alma grandiosa,  
Deveras ter calcado, de orgulhosa,  
As ofertas dum rei!

Crês tu que já viveste? oh! crê que não...  
De lágrimas aqui foi teu viver...  
Mas choradas em vão!...  
Nasceras para amar – e encontraste  
A pérola que a mão de Deus engaste  
Nesse teu coração?  
As pulsações da alma enobrecida  
Foi tarde que as senti, já quando a vida  
Não pôde, para o túmulo pendida,  
Pagar-te uma afeição!...

Não tens tempo marcado... O sofrimento  
Travou duma existência, e só na morte  
Lhe marca o nascimento.

– O morrer é nascer, se a desventura,  
Qual a sofri por ti, persegue e dura  
Enquanto se viveu!...  
Teus anos conto-os só pelo tormento,  
E, quando vem coa morte o esquecimento,  
É feliz quem morreu!

18 de Dezembro de 1849.

## NÃO CHORES

Teus olhos beberam nos seios da aurora  
As lágrimas d'anjo, que alindam teu rosto?  
Caprichos de virgem... tão bela se chora...  
Se não são caprichos... terás um desgosto?!

Já sentes no peito vagar-te um desejo  
Nas asas douradas dum terno gemido?  
Sonhaste que, a furto, num cálido beijo,  
Sorvera teus lábios fantasma atrevido?

Não sabes que os anjos, embora na terra  
Descessem seu voo, não devem chorar?  
Que o riso dum anjo mil hinos encerra,  
Que vão entre incensos o Eterno exaltar?

Esqueces que um trono de virgem te exalça  
Acima da angústia, que a vida amargura?  
Não vês ficar muda uma língua que é falsa,  
Se estuda a mentira que infama a candura?

.....

Estanca o teu pranto... e só quando a tristeza  
A alma sem esp'rança dum homem 'smagar,  
Lamenta-lhe a vida, que tanto lhe pesa...  
Verás como é nobre um sentido chorar...

Lisboa Maio – 1851.

## ADEUS!

Sou um mártir do amor,  
Sou um anjo sofredor  
Nem um prazer me sorri!

\*\*\*

Anjo! eu tenho um crime! – Ergui de ousado  
Ao trono onde o Senhor te há levantado,  
Cá debaixo do chão, olhos mortais!  
Tão puro coração, qual te ofertara,  
Em peito de mortal nunca pulsara,  
Nem pulsará por ti, anjo, jamais!

Eu li no teu semblante o gelo inerte  
Do frio coração, que já não verte  
A lágrima d'amor, que à face vem:  
Eu li no teu sorriso contrafeito  
Esse lento pulsar, que tem no peito,  
Quem não pode no mundo amar alguém.

Julguei-te a mão de Deus sobre este abismo,  
Cavado pela mão do cepticismo,  
Onde á crença d'amor expira a luz!  
Julguei-te, em vulto humano, anjo celeste,  
Que do seio de Deus aqui vieste  
Mandar-me, enfim, pousar a minha cruz!

Bem hajas, luz do céu, que me hás fulgido,  
Relâmpago d'amor, breve sumido  
Na eterna escuridão do meu viver!  
Fizeste-me sentir que eu bem podia  
Deixar a estrada acerba da agonia,  
Ter um leito suave onde morrer!

Bem puderas, mulher, manter-me a vida,  
Embora d'ilusões, que, fementida,  
Pagara-te com pranto uma traição!  
Bem puderas dizer-me – *Eu posso amar-te!*  
Que eu não queria de ti mais que adorar-te,  
Viver de ti... morrer neste ilusão!

Terrível teu silêncio... aniquilou-me  
A triste convicção... precipitou-me  
Deste crer infantil onde subi!...  
Sorri ao mar d'encantos que sonhava,  
Pensei ver um farol, e naufragava...  
A crença, a vida, a paz, tudo perdi!

Abri mui fundo o peito ao sentimento...  
Não posso inda votar-te ao esquecimento,  
Que o golpe da paixão rasgou sem dó!...  
Eu dei-te de mính'alma o que podia,  
Sagrei-te a corda extrema que sentia...  
Partida ela aí está... desfeita em pó...

Da morte lenta a febre me devora!...  
Cadáver tão depressa... quando a aur9ra  
Da vida me raiou... foi triste fim!...  
Ouvir-te – *nunca mais* – mas adorar-te...  
Oh! sempre... até á morte!... hei-de obrigar-te  
Nos olhos uma lágrima por mim!

27 de Agosto de 1849.

## A HARPA DO CÉPTICO <sup>1</sup>

### DERRADEIRA CORDA DA LIRA

Poeta! que és tu na terra  
Sem o amor, sem a fé?  
Lutar, descrido, na guerra  
das paixões, que glória é?!  
Voas num vasto deserto,  
Rasgas o peito, e, aberto,  
Mostras um bom coração...  
Ninguém te crê na bondade,  
Ninguém te quer a amizade,

---

<sup>1</sup> Esta poesia, publicada na *Semana*, foi precedida destas linhas da redacção:

«Tem-se dito que a poesia é a linguagem da mentira. Uma definição assim paradoxal, ingrata, e repugnante é mais perdoável do que parece.

O poeta, que passou com o domínio da mitologia, raro, ou talvez nunca, abriu em seu coração o cofre das inspirações. Parece que a sociedade repelia então a ciência da sua individualidade, ou muito amesquinhada de vida, minguavam-lhe as inspirações vagas, íntimas, e nublosas, que são idealmente as que extasiavam o homem de hoje diante do seu íntimo mistério.

A história, despovoada de travessos *cupidos* e *pégasos* voadores, não se prestava flexível á musa ferrenha dos tenazes e pacientíssimos compiladores da *fábula*. A vida, que passava debatendo-se na carnificina das conquistas, dava apenas um sobrado assunto para o longo relatório de um hospital de sangue, ou para os impávidos colóquios de bravos batalhadores em festim de triunfo, O poeta, que não era chamado como Camões para entreter um rei gratuitamente, doía-lhe a baixa mercadoria das musas, e mormente a de um seu caríssimo soneto em que ele passara diploma de *Marte* a todo e qualquer distribuidor de utilidades. Vingava-se, e era muito justo.

Condenava os ineptos heróis do seu tempo a serem repelidos, como publicanos, do templo das musas, e virando-se para o passado, feracíssimo de prodígios. cantava os olhos da deusa de Pafos, os ciúmes de seu marido, os treze trabalhos de Hércules, e outras muitas pessoas reinantes naquelas mendigas e rotas imaginações!

Chamou-se então á poesia a linguagem da mentira, O poeta popular desses dias – aquele que mais vezes consagrava ao amor as suas endechas – era, como Bocage, mentiroso de sentimentos que não tinha. A sua lira borrifada dos licores de um botequim, ou prostituída ao caricato sentimental de uma orgia, não vibrava em uma só corda o hino dorido e melodioso dos grandes pensamentos apaixonados.

Foi uma época de muita rima e de nenhum engenho.

Ora, depois, veio esta geração de sentir no que é, de descrer no que foi, de aspirar ao muito que há-de ser. O passado tem ainda uma poesia, que, ás vezes, afinada pelos dedos mágicos da saudade, reluta com esse vão desprezo, que por aí doudeja em poucas cabeças. A poesia, que se alinda no seu enérgico ansiar pelo futuro, é majestosa e altiva, porque esta sociedade enferma e postulosa conserva a sua majestade no leito da dor. Buscam remediá-la, e guarecê-la, como se a linguagem apaixonada dos que a falam não fosse impotente para sobrelevar-se ao vozear de cínicos ambiciosos. A poesia da actualidade é o poeta – é o homem e o seu desalento mortal – o insaciável de sua alma e a queixa amarga do seu desesperar de todos os afectos. Fala-se muito em Deus – umas vezes como fórmula de escola e aparato de dicção; outras, envolvendo-o no anátema que o poeta solta raivoso contra tudo que lhe não mata a sede de novas emoções.

Publicamos uma poesia deste género, a que não poderemos chamar a linguagem da mentira. É o extracto de um álbum não rico de erudição, mas precioso por a cronologia dolorosa dos trâmites de uma vida cansada, e comprimida na escuridade do seu desalento.

Hesitámos em publicar as linhas que precedem a poesia; depois, venceu-nos a ideia do quadro que o autor esboçara – deixai-nos assim dizer – com o sangue da sua alma. Os bons costumes não se ressentirão na sua mimosa sensibilidade; nem este escrito será alcunhado de *moral* como os romances franceses, chamados por antonomásia *humanitários e civilizadores*» .....

Ninguém te afaga a paixão.

Alma! esforça-te um instante,  
Quebra as algemas da dor!  
Dá-me um hino agonizante,  
No teu extremo fulgor.  
A este mundo, que deixas,  
Não faças doridas queixas  
De quem te fez sucumbir...  
Coragem! que a despedida  
Deste tormento da vida  
É um *adeus* a sorrir!

A morte vejo-a de perto,  
O sepulcro aberto está;  
Além da campa o que é certo  
Ninguém o diz, nem dirá.  
E cruel esta incerteza;  
Mas eu morro na firmeza  
De que tudo acaba ali!...  
Já pus na campa o ouvido,  
E ao cadáver corrompido  
Nem um gemido lhe ouvi...

Tive crenças. A desgraça  
Fez-me bradar por Jesus;  
Pedi-lhe um raio de graça  
Pelas chagas, pela cruz!  
Não lhe pedi mil venturas,  
Pedi-lhe menos torturas,  
E mais amor... se era pai;  
Assim pede o homem perdido,  
Se por Deus não é ouvido,  
Perde a fé, a crença, e cai.

Cai no frio cepticismo,  
Deixa a alma à podridão;  
Vem-lhe o escárnio do cinismo  
Dar uma nova feição.  
Selvagem da natureza,  
Deixa-se ir na correnteza  
Do apetite brutal...  
Tem um riso acerbo e rude,  
Ri do crime e da virtude,  
Folga no bem e no mal.

Vereis que o homem descrido  
Não excita a compaixão,  
É que sufoca o gemido



Nas fúrias do coração!  
Não diz a angústia que o mata  
Nem a face lha relata,  
Porque lágrimas não tem...  
Ateu, nega a divindade,  
Nega ao homem a amizade,  
À mulher nega-a também.

Este homem, se impelido  
Foi do tufão da desgraça,  
Caiu por terra abatido  
Na campa se despedaça;  
Não teve braços d'amante  
A sustê-lo agonizante  
No seu estrebuchar feroz;  
Não teme as iras do Eterno  
Despreza o mito do Inferno,  
Crê no seu braço d'algoz!

Vivera só neste mundo,  
Só, na campa, vai cair;  
O seu gemer moribundo  
Ninguém lho há-de carpir...  
Nem um Cristo alumiado  
Pela tocha do finado  
Terá no leito a morrer!...  
Nas visões do paroxismo  
Vê do *nada* o torvo abismo  
Sorver-lhe o ímpio viver!

Um cadáver insepulto  
Aí jaz do que morreu!  
Deixai-o! – é a Deus um insulto  
Dar sepultura ao ateu!  
Deixai-o! – Ninguém o vele...  
Que os corvos parem sobre ele  
Em voraz sofreguidão!  
Não dobre fúnebre um sino!  
Demónios! rugi-lhe um hino  
Ao morto sem contrição!

1º de Setembro de 1894.

## A CLARA BELIONI

(*Falecida na Corunha em 20 de Novembro de 1789*)

Vi pulsar no ardor da glória  
Da cantora o coração;  
É que as lágrimas desciam  
Nas faces da multidão.  
Vinha-lhe á fronte mimosa  
Essa dor misteriosa  
Que em seus cantos revelou...  
Fora a desgraça imprevista  
Que, de nobre, a fez artista  
Pelo pão que mendigou!

Quem lhe ouviu seus hinos tristes  
Que não visse uma infeliz?  
Quem não viu nas faces dela  
O chorar de *Beatriz!*...<sup>2</sup>  
Sufocara uma agonia,  
E a ficção lhe consentia  
Livre, no palco, chorar...  
Só aí gemeu, partido,  
Em cada nota, um gemido,  
Seu peito no vivo arfar!

Era um anjo, quando as mágoas  
Da sua vida contou...  
Ouvi-la falar da infância  
Que tão leda lhe passou...  
Vê-la chorar a mãe, cara,  
E seu pai que tanto amara  
E suas crenças d'então...  
Era um quadro tão pungente,  
Que no peito mais dormente  
Despertava a compaixão...

E, depois... vê-la humilhada  
Receber afrontas vis,  
Como as recebe a virtude  
Se é o património da actriz...  
Era triste inda mais vê-la  
A chorar-se, não por ela,  
Que foi mártir com valor...  
É que em seu regaço tinha

---

<sup>2</sup> Opera em que Belloni fora freneticamente aplaudida.

Mãe, e esposo, que mantinha  
Do seu pão... do seu suor...

Desceu do leito onde a morte  
Pelas faces lhe roçou<sup>3</sup>  
No proscénio a voz dum anjo  
Dos febris lábios soltou...  
Hino foi d'acerbo transe  
Qual da luz extremo lance  
No derradeiro clarão...  
No palor da face linda  
Vi voar-lhe um riso ainda  
De sentida gratidão.

Gratidão a quem lhe dera  
Um socorro d'infeliz;  
Gratidão a quem de apupos  
Não coroou a nobre actriz...  
Nobre de louros honrosos  
Quais os tem os desditosos  
Que sofrem sem maldizer;  
Nobre e grande dessa palma  
Que ante Deus recebe a alma  
Resignada em padecer!

Partida a rosa na haste  
Rijo norte lhe soprou;  
Quase pendida ao sepulcro,  
Grato aroma inda exalou...  
– Foi esse *adeus* penetrante,<sup>4</sup>  
Que, de longe, e agonizante,  
Manda ao Porto onde viveu!  
Foi nesse instante ansiado,  
Que, sorrindo ao seu passado,  
Voou ao trono do céu!

10 de Dezembro de 1849.

---

<sup>3</sup> A cantora ergue-se do leito da dor para cantar no seu benefício.

<sup>4</sup> Belloni, pouco antes do seu último dia, escreveu uma lagrimosa carta à Ex.<sup>ma</sup> condessa de Terena, onde vi os sinais das lágrimas, que acompanhavam aquele aflitivo *adeus* a todas as pessoas que a protegeram no Porto.

## VERDADES

### (IMPRESSÕES DUM BAILE)

Alors j'ai bien compris par quel divin mystère  
Um seul coeur  
encarnait tus les maux de la terre.

*De Lamartine.*

#### I

Anjo, donzela, és divina  
Do diadema virginal;  
Tens na face purpurina  
Um corar tão natural!...

Cândida pomba, não creias  
Nas caricias da paixão:  
Peito de virgem, que anseias,  
Pelo amor, teme a traição...

Nesse teu berço infantil  
E tão puro o teu sonhar!...  
Tão singelo o rir subtil  
Que em teus lábios vem brincar!...

Se mão d'homem não se atreve,  
Nesse teu sonho do céu,  
Ir-se quer muito ao de leve  
Da inocência erguer-te o véu...

Infeliz! teu mago sonho  
É de curta duração.  
Há-de o instinto lá risonho  
Despertar-te o coração...

.....  
.....

#### II

Eu vi gemer, sozinha, em desabrigo,  
No ermo da saudade, uma inocente;  
Inocente, que crera amor de homem,  
– Que ardera na paixão – que amara quanto  
Em peito virginal pode a ternura.

Quem viu carpir-se a rola em soledade,  
Perdida na soidão d'alpestres cerros,  
A quem do caro ninho os tenros filhos  
A ímpia mão do homem desnudara...

Quem viu mãe carinhosa, á luz funérea  
Da tocha sepulcral, buscar no esquife  
As gélidas feições dum filho d'alma...  
Beijar-lhe os lábios roxos, impassíveis  
Ao beijo maternal, convulso, ardente...

Quem viu, que não sofreu?!  
A face da mulher que pede á campa,  
No delírio da dor, do morto amante  
Ao menos um gemido... uma saudade?...

Quem viu, que não sofreu?!  
A dor de um ajo,  
Que eu vi em pranto vão banhar-lhe as faces,  
Pungia como a dor da mãe aflita,  
Vibrava as cordas intimas do seio  
Como o beijo da amante em muda campa,  
Qual da rola o gemer, órfã. sozinha...

.....  
.....

### III

Era num baile. Ondulava  
D'ouro e sedas o salão:  
O ar, que ali se aspirava,  
Escaldava o coração.  
Tinha fogo o olhar da virgem,  
Fogo d'amor, de vertigem,  
Qual o que inflama o pudor;  
Tinha a mulher, anjo, ou fada,  
Uma existência encantada,  
Um condão fascinador!

Que linda noute, que vida,  
No salão se não viveu!  
Que existência tão florida  
Nessa quadra rescendeu!  
Que sorrisos tão mimosos  
Se trocaram carinhosos  
Nesse angélico festim!...  
Um galanteio... era um hino,  
Se despontava divino  
Nos lábios dum querubim.

Era um folgar incessante,  
Era um delírio febril!  
Cada qual cinge da amante  
Breve cintura gentil...  
Voa com ela embebido  
No lindo colo pendido,  
No alvo peito ao desdém...  
Sente arfar tão junto dela  
Um coração, que revela  
Ventura... e mágoas? – também.

E, depois, lá murmuravam  
Brandas, doces expressões;  
Uma só palavra davam,  
E definiam paixões...  
Uma só, um só sorriso,  
Um olhar terno, indeciso,  
Uma súplica... talvez!  
E, no fim do baile, a pena...  
A saudade... ai! tão pequena  
Foi a noute desta vez!...

.....  
.....

#### IV

O génio do martírio, entre os folgares,  
Erguera o trono seu de ferro e lágrimas  
Num pobre coração, em débil peito  
‘Duma fraca mulher. Equilibrada  
A dor de uma infeliz era que farte  
Ao intenso prazer das ledas turbas!

Chorava – e se dos lábios desprendia  
Um forçado sorrir – quanta amargura  
Não tinha essa expressão mal contrafeita!  
Em vão tentavas, anjo do martírio,  
Um gemido prender, cevar d’angústias.  
Na taça do teu fel, íntimo n’alma,  
O grito da mulher, que foi traída  
Mal de virgem depõe o diadema!  
Que a coroa virginal, renunciada  
Aos pés do que a pisou – aos pés do homem  
Ovante da traição – quem pode erguê-la  
Na fronte da mulher? Ninguém! – que as rosas  
Dispersas aí estão, e descoradas  
Na face, as do pudor, falam dum crime!

E esse crime qual é? .....

– Maldito o mundo,

Que o instinto santifica dos prazeres;  
Que alastra de florões o seu caminho,  
E lá, quando o pudor sucumbe ao instinto,  
Crimina-lhe os tremendos sacrifícios  
E, rasgando-lhe o véu, mostra-lhe a nódoa!

.....

V

Tu sofrias, mulher, e eu que era o ímpio,  
O céptico do amor,  
Fui eu talvez e só, que vi descer-te  
A lágrima da dor!

Há lágrimas de sangue; essas à face  
Não vêm do coração...  
Chorei-as eu por ti, anjo caído,  
Por ti, que por mim... não!

Lembra-me um tempo, e esse é um martírio  
Irmão do teu sofrer!  
Amei... – se não traído – exausta a crença,  
Que mais tenho a perder?

Um cadáver, que vai passando mudo,  
Sem uma aspiração!  
A vergôntea mirrada, inútil, seca,  
Pendida para o chão!

VI

.....  
E as turbas, que folgam, se enlaçam na sala,  
Expandem-se alegres... que vida aí vai!  
Ninguém vê a mártir... sozinha, não fala,  
Ninguém vê da virgem a coroa que cai!

As vozes celestes, que afina a ternura,  
Acendem no peito fremente paixão;  
O riso dos anjos promete ventura,  
Dos ímpios o riso sorri à traição.

Retinem dos copos os sons excitantes,  
Saúdes ocultas lá fazem, talvez!  
Nas faces ressaltam desejos d'amantes,  
Que a fácil promessa dum anjo lhes fez.

E as turbas, que folgam, se enlaçam na sala,  
Expandem-se alegres, que vida aí vai!  
Ninguém vê a mártir... sozinha, não fala,

Ninguém vê da virgem a coroa que cai!

VII

Amara-te, ainda assim, flor desfolhada,  
Entre espinhos de dor, calcada aos pés!  
Amara-te... se aqui, n'alma cansada,  
Te abrigasses qual és!  
Pedir a lábios mortos um sorriso,  
E ao cínico dizer – *vive do amor!*  
Que importa o anjo vir do paraíso  
Amá-lo com fervor?

Que importa á rosa murcha e descaída  
Da tige onde floriu já tão louçã,  
Que um beijo matinal lh'imprima a vida  
Na brisa da manhã?

Que importa o pranto amargo em vão chorado  
Na lousa sepulcral que é muda e fria?  
Que filho viu seu pai erguer-se ao brado  
Da intima agonia?

.....  
.....

Setembro de 1850.



## AMAI A DEUS!

I

Tive um sonho, há muitos anos,  
E muitos anos sonhei,  
Criação dum génio ardente,  
Que perdi quando... não sei.  
Tive aqui n'alma escondida  
Essa imagem toda a vida,  
Essa luz desconhecida,  
Esse segredo, só meu!  
Bem segredo! eu não podia  
Dizer quanto cá sentia  
De perfume, e de magia,  
De paixão, de... que sei eu!

Mal entrei no mundo, e os homens  
No meu sonho consultei,  
Riram-me a crença, e decerto  
Tinham razão... que hoje o sei!...  
Inda assim – antes quisera  
Viver da minha quimera,  
Pois matá-la a quem espera  
Bem cruel deveras é!  
Se na fé resta um remanso,  
Em que a alma acha descanso,  
Onde está o bem que alcanço  
Em dizer – *mente-te a fé!*?

Não descri de todo ainda,  
Porque enfim sempre cuidei  
Que do céu descesse um facho  
Dar-me luz ao que sonhei!  
Se no espaço errante estrela  
Vi fulgir de luz tão bela,  
Inocente... eu cria nela  
O meu astro salvador!  
Não pensei eu que devia  
Essa estrela, que descia,  
Vir mostrar-me à terra um dia  
A mulher do meu amor?

Comecei de achar no mundo  
Um desconsolo sem fim;  
Frio e triste desalento  
Tanto nele como em mim!...

Olhei tudo com tristeza,  
Vi tão pobre a natureza,  
E, inda assim, nessa pobreza,  
Orgulhosa, louca, e vã!  
Para mim – alma descrida,  
Sei que, enfim, não foi nascida,  
Como todos têm na vida,  
Uma estrela da manhã!

Nem me dá vontade agora  
De pensar no que senti:  
Posso eu ter saudades! nunca...  
Nada amei, nada perdi...  
Nada amei! – mas esta chama  
Que nos seios d'alma inflama  
Ânsia ardente d'homem que ama  
Não aspira ao *sumo bem!*  
Este fogo, porventura,  
Esta aspiração tão pura,  
Vai gelar-se á sepultura  
Com o cadáver também?

## II

Deus! Minha alma aí tens amplo horizonte!  
Revoa na amplidão, águia perdida,  
Entre as urzes e o pó! Ergue-te, aspira,  
Nesse ambiente de luz, o amor e a crença,  
A crença e o infinito, o amor e a esp'rança!

Humilde entre os répteis, roja-se o homem  
Nos espinhos da terra, e dilacera  
Um grande coração, que apaixonado,  
Anelante d'amor, não acha vida!  
Na estreiteza da terra as grandes almas,  
Sedentas de poesia, em vão se acurvam  
A fonte do prazer. Ébrias de gozo,  
Que importa o seu gozar, se ele é dum dia!?  
As delicias efémeras da vida

Quem sôfrego as bebeu por taça d'oiro,  
No fundo as verterá da taça exausta  
Em lágrimas depois! .....

Triste a existência,  
Que o homem antevê, quando lhe cansam  
Os olhos, nos mesquinhos horizontes  
Do mundo, a mendigar emoções novas!  
O ímpio não as tem – véu de mistérios  
Para ele não há. Quantos prodígios,  
No místico perfume do sublime,  
Lhe borbulham dos pés – quantos cintilam

D'entre os fogos do céu – quantos ressaltam  
Das águas na amplidão... quantos segredos  
Desceram sobre o seio à natureza  
Da mente do Senhor... – que são p'ra o verme  
Orgulhoso de si, porque na frente  
Do rei da criação fulge a c'roa!?

E o rei da criação calca o diadema  
Na rebeldia atroz. Legisla à alma;  
Vai dentro ressequir-lhe a flor da crença,  
E o bálsamo da fé. Domina, e educa  
Inocentes no berço; ímpio, despoja-os  
Das cândidas roupagens da pureza,  
Essas que, em tempos de virtude, o homem  
Pousava no cipreste, a cuja sombra  
Suas cinzas carpidas descansavam.

Tuas faces, mancebo, amarelecem,  
Retraídas de dor e desalento  
Mal entras a viver! Suão de morte  
Mirrou teu coração! Envelheceste  
Na luta do remorso, ou desesperas  
De n'alma o sufocar? não tem a terra  
Uma orgia p'ra ti? Não tem orgia  
Deleites, distrações? Não pode um crime  
Outro crime esquecer? Não pode o túmulo,  
Com seus braços de mármore chumbados,  
Cingir bem ao seu *nada* um suicida?

Ouvide-o! Não lhe luz réstea d'esp'rança!  
É alma torva a transudar o amargo,  
Profundíssimo fel da impiedade:

### III

«Que farei desta existência  
«Que me resta inda viver?  
«Que é do anjo d'inocência  
«A dourar-me inda um prazer?  
«Eu rasguei quantos mistérios  
«Tinha a natureza em si!  
«Quanto em si tinha d'ameno  
«Este mundo tão pequeno,  
«Fiz curvar ao meu aceno  
«E no gozo esmoreci.  
«Para mim, alma cansada,  
«Nada tens, oh terra, em ti;  
«Que eu rasguei quantos mistérios  
«Tinha a natureza em si.

«Busco distracções na guerra  
«Das mais ousadas paixões;  
«Mesmo aí acho na terra  
«Ermo o crime d' ilusões...  
«Na aridez deste deserto  
«Não acho fonte d' amor!  
«A fronte curvo abrasada  
«Sobre a rocha calcinada,  
«E da sede angustiada  
«Não mitigo o vivo ardor:  
«Gota d' água não deparo  
«Orvalhada n' uma flor!  
«Na aridez deste deserto  
«Não acho fonte d' amor!

«Não tem o mundo delícias  
«Que eu aqui não pise aos pés;  
«A mulher não tem carícias...  
«Ilusão! tu nada és.  
«A cabeça arfa-me ardente;  
«Mas é morto o coração!  
«O cinismo! este aborrido  
«Gelo d' alma convertido  
Num sorriso desabrido,  
«E minha eterna feição!  
«Uma lágrima não tenho  
«De sentida compaixão!  
«A cabeça arfa-me ardente,  
«Mas é morto o coração!»

#### IV

A impiedade falou! Dor profundíssima  
Vibrara as cordas tétricas, sinistras  
Da harpa do ateu!  
Na acerba desp'rança inda uma crença  
No canto lhe transluz – a morte, e o *nada*,  
O pó do mausoléu!

Oh Cristo! a ti meus hinos lacrimosos  
De viva contrição, pois que na terra  
Cantei-os, sem valor!  
Aos pés do teu altar pobre alaúde,  
Que a terra motejou, mas inda puro,  
Eu trago aqui, Senhor!

Lisboa – 1850 – Abril.

## FRAGMENTOS DO LIVRO DE

\* \* \*

### VIII

Foi grande esta paixão! – grande, insondável  
Como os antros do mar – como os abismos  
Na alma da mulher!... Amei p'ra sempre!

Tinha uma vida dormente,  
Gelada em frio torpor...  
Que mal te fez esta vida  
Na solidão consumida,  
Algemada à sua dor?

Quem te trouxe ao meu desterro,  
Que vieste em mim buscar?  
Quiseste ver quase morto  
Nos transe do desconforto  
Um coração expirar?

Sondaste o peito que arfava  
As pulsações do morrer;  
Tua mão aqui pousava,  
E a morte a respeitava  
Porque eu senti-me viver.

Era forçoso adorar-te...  
Muito da alma te quis!...  
Uma cegueira... um delírio...  
Amor... não!... foi um martírio...  
Foi quanto há d'infeliz!

Uma lágrima não tinhas  
Quando o que fui te contei...  
E, contudo... todo o sangue  
Deste coração exangue  
No sudário te mostrei!...

Foi grande esta paixão!... grande, insondável  
Como os antros do mar – como os abismos  
Da alma da mulher!... Amei p'ra sempre!

### IX

Sobre a lívida frente dess'homem,  
Que na terra uma esp'rança não tem,

Cingireis um diadema radiante,  
Mas gravar-lhe uma crença... ninguém!

Dai-lhe um trono, e d'escravos e flores  
Alastrai-lhe o caminho até lá...  
Que essa fronte, baixada pra sempre,  
Sobre o trono jamais s'erguerá!

Esse brilho, que ostenta na face  
Quem de trevas a alma tem só,  
É qual brilho sinistro dos túmulos  
Que da lâmpada expira no pó.

Quem percebe o sorrir da desgraça  
Vai sondá-lo no abismo da dor;  
Há sorrisos que escaldam nos lábios  
Qual na ânsia da febre o estertor!...

Eu senti vir um sopro de morte  
Quando a vida aspirava do céu;  
A mortalha desceu-me na fronte,  
Quando esp'rava enlaçar-lhe um troféu.

Eras tu... sombra vã!... que és agora?  
D'entre campas te vejo acenar...  
Vais, rainha da morte, entre túmulos  
Sobre ossadas um trono fundar!

Inda bem!... errarei pelas valas...  
E pra ver-te a mortalha erguerei...  
Se na terra fui 'scravo de vivos  
Entre o pó d'esqueletos sou rei!

.....  
.....

X

Anjo de santa magia  
Filha de Deus, ó poesia,  
Que nos transes da agonia  
Meu consolo foste já...

Libra as tuas asas d'ouro,  
Sobe ao céu, que o teu tesouro  
Não é aqui... é nesse coro  
Que cantam anjos de lá.

Se inda em mim resta escondida  
Uma crença indefinida,

Que s'inspira doutra vida,  
Onde não mata a paixão...

Ó meu anjo!... este sagrado...  
Este espólio não manchado,  
Salva, salva ao naufragado  
No seu mar de corrupção!

.....  
.....

Se lágrimas tivesses... chorarias...  
Que acerbo o *livro* é!...  
É um canto de morto em seu sudário  
Na campa erguido em pé!

É um grito, mulher, do que agoniza  
Varado por punhal...  
Depois... a morte vem... cerram-se os lábios...  
Silêncio sepulcral!...

Porto – Outubro de 1849.

## UM ANJO

Que importa chamar um filho  
Que morto no berço está?  
Quem usurpa ao céu o brilho  
D'estrela que era de lá!?

.....  
.....

«Ah! tu dormes, meu filho, descansas?...  
«Um momento dos transe da dor?  
«Já não gemes? não choras, meu filho?...  
«Ah! tu dormes?!... Bem hajás, Senhor!

«Sim... bem hajás, meu Deus, que eu só tinha  
«Neste mundo o meu filho... este só!...  
«Já pensei de o perder... mas o pranto,  
«Que eu dest'alma chorei, fez-vos dó!

«O meu filho está vivo!... Na febre  
«Não lhe sinto as entranhas a arder!...  
«Tem tão frias as mãos!... quem me dera  
«A meus peitos já ver-lhas erguer!

«Tão serenos os lábios... e as faces  
«Tão coadas que estão!... este alvor  
«De saúde é sinal, mas eu quero  
«Nestes lábios um riso d'amor.

«Acordar-te... quisera... não posso...  
«Mas beijar-te... aquecer-te esta mão  
«Com meus beijos frementes de fogo...  
«E de vida, e d'amor, e paixão...

«E estas faces tão lindas... banhar-tas  
«Do meu pranto que verte o prazer...  
«Ver-te um raio de luz nestes olhos,  
«Que despertos cuidei mais não ver...

«Dorme ainda!... Que sono profundo!...  
«Dos que morrem o sono é assim!...  
«Não despertas, meu filho!? estes beijos  
«Não os sentes gravados por mim?!

«Santa Virgem! meu filho não fala...  
«Não se move... meu Deus!... que será?  
«Um gemido, sequer, um gemido



«Este anjinho do céu não me dá?!...

«Que desgraça!... que medo!... piedade...

«Compaixão... que sou mãe... oh Senhor!

«O meu filho não sente, não fala,

«E não chora... está... morto!... que horror!»

.....  
.....

Que importa chamar um filho,

Que morto no berço está?

Quem usurpa ao céu o brilho

D'estrela que era de lá?

10 de Maio de 1850.

## O TEMPLO

E mentira a sociedade;  
Roja grilhões a verdade,  
Fez-se a vida material;  
O homem, n'alma corrupto,  
Ergue em altar dissoluto  
Por Deus o génio do mal.

J. DE LEMOS (*Consummatum est*)

Na casa do Senhor já ouvi cânticos  
De mística toada,  
Que em ondas de harmonia melancólica  
Alagavam a nave, hoje deserta!  
Que é desses, que eu ouvi, saudosos hinos  
De santa inspiração?  
Esses, que eu já senti n'alma infiltrar-me,  
Em êxtasis do céu, fervidas crenças  
Na íntima oração?

O órgão tinha um som de majestade  
Que não tem este d'hoje!  
Dorido em seu carpir, vinha cá dentro  
Brandamente vazar nos seios d'alma  
Um dó e uma paixão... não sei que mágoas  
De viva e intensa fé!...  
Não sei que pungir vinha ali do canto,  
Que esp'rança, que consolo ao homem era  
Chorar... que hoje não é!

Depois, do monge a voz triste e soturna  
Não sei que tinha em si!  
Calava o coração, vibrando as cordas  
Da harpa de David.  
Cadente a modular pungidos carmes  
Do coro, aos pés do altar,  
A alma ia após ela aos céus erguida  
Em perfumes do incenso esvaecida  
Os arcanjos saudar.

Do crente os lábios trémulos, convulsos,  
Osculavam o chão:  
Vertiam sobre o túmulo do cristo  
A dor do coração;  
A lágrima descia à face do homem  
Não tímida da luz;  
Nem tinha a sociedade uma ironia,  
Que dar ao infeliz porque, gemendo,

Se prostra aos pés da cruz.

Se a taça do martírio era amargosa  
Ao filho da desgraça, em desamparo,  
Podiam tristes lábios rir da morte  
Crendo noutra viver.  
Disseram hoje ao homem – que uma vida,  
Nas trevas do sofrer, não tinha um facho:  
Disseram-lhe que a esp'rança era uma crença  
Exausta no morrer.

No chão do teu altar não vão, oh Cristo,  
Hoje as lágrimas da intima amargura  
Pedir uma existência além da campa  
Suave ao padecente!  
O homem desgraçado hoje é blasfemo,  
Concentra-se em rancor, nega o suave  
Recurso do chorar, e o extremo solta  
Arranco, impenitente!

Naquela pedra polida  
Onde se ergue aquele altar,  
Curvei-me, fronte pendida,  
De mãos postas a rezar.  
Deste púlpito deserto,  
De negros crepes coberto,  
Ouvi falar de Jesus:  
Era um monge que sofria  
Como em horto d'agonia  
Expondo o transe da cruz.

Desta igreja a amplidão  
Abrigava os filhos seus –  
Vinhão ouvir da paixão  
Mil tormentos num só Deus.  
Na frente vinha-lhe escrita  
Viva dor d'alma contrita  
Penitente ante ó Senhor.  
Nas faces todas brilhava  
Pranto e dó que suplicava  
Compaixão ao Redentor.

Ja vinte anos são passados,  
Este é o Templo d'então...  
Não vejo homem prostrado,  
Nem murmura a oração!  
Mudo o coro... o órgão mudo,  
Mudo o púlpito, em tudo  
A mudez do que morreu!...  
Mas além vê-se o sudário

Onde o mártir do calvário  
Mostra o sangue que verteu.

Vejo sorrir a impiedade  
Em seus ministros... que dor!...  
Tripudia a mocidade  
No sepulcro do Senhor...  
Ímpia no mundo, no Templo  
Querem ser do povo o exemplo,  
Querem dizer-lhe – *sorri!*  
Sorri da cruz que se arvora,  
Sorri daquele que chora...

.....

Ímpio! tu... chora por ti!

\*

Meu Deus! a onnipotência do teu braço  
Poderá converter no pó do abismo  
As ímpias gerações. O barro frágil  
Que aí passa na terra, erguendo a fronte,  
Tu preferes, Senhor, pulverizá-lo,  
Sob o peso da infâmia, que ele ostenta!...

Aqui, no Portugal, cristão d'outrora,  
Da vingança do céu é amplo o quadro.  
Os cínicos descrêem, riem, calcam  
Do templo na soidão já murchas flores  
Que a mão do patriotismo desfolhara  
No túmulo de heróis! flores honrosas,  
Não dessas que engrinaldam torpes frentes,  
Regadas pelas lágrimas do povo,  
Colhidas pela mão do crime impune.

Lisboa – 27 de Março de 1850.

## LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

### I

Não ergas, é Sião, fronte orgulhosa  
Entre os astros do céu!  
Viúva abandonada, esconde a face  
No penitente véu!

Empório das nações, verga-te humilde  
Na tua escravidão!  
Não tens um só amigo entre os teus filhos,  
Desprezada Sião!

Choraste, noite e dia, amargo pranto  
Ninguém te consolou...  
Que és tu, Jerusalém? face cuspida  
Por quem já ta beijou!

Não pudeste conter teus ímpios filhos  
Nas entranhas de fel;  
Peregrinos, lá vão pedir algemas  
Ao estrangeiro cruel!

Errantes, pedem pátria ao universo,  
Na sua proscricção;  
O mundo os repeliu, porque malditos  
Na terra os judeus são!

Que és tu, Jerusalém? – que é dos teus hinos  
Sagrados ao Senhor?  
Porque gemem assim teus sacerdotes  
Desesp'rados na dor?

Que é do Templo, Sião, onde iam virgens  
Prostrar-se em oração?  
– O templo é arrasado, e as virgens... essas  
Hoje virgens não são!

Lá vejo o povo teu vil cativo  
D'inimigos sofrer!...  
Calcado na vileza do domínio  
Tem só livre. o gemer!

Que és tu, Jerusalém? – foste opulenta  
Escrava... nada tens!  
Vergaram-te no chão teus inimigos,  
Cuspiram-te desdéns.

Na balança de Deus foram teus crimes  
Pesados, sem perdão!...  
Jerusalém! na face eis-te um ferrete  
D'eterna maldição!

## II

A filha ingrata, escolhida,  
Entre todas, do Senhor,  
Era formosa e opulenta,  
Era um divino primor!  
Deus lhos dera, e desses tantos  
Que ela teve astros d'encantos,  
Já não resta escassa luz!  
De seu peito a ingrata lança  
Todo o amor do que descansa  
A face morta na cruz!

E, depois, abandonada,  
As torpezas confessou;  
Não lhe valeram remorsos  
Que tão pungidos chorou!  
Tinha as faces descarnadas  
De rojá-las, maceradas,  
Gotejando um sangue vão!  
Que importava? – a grande afronta,  
Feita a Deus, já não encontra  
No calvário a compaixão.

Desvalida e vagabunda,  
Órfã, na terra, a chorar,  
Deparou desprezo, insultos,  
Se pediu onde pousar!  
Os que dantes Lhe exalçavam  
Seu donaire, a motejavam  
Do sarcasmo aviltador;  
– Que o seu crime abominando  
Era um pecado nefando,  
Era um perjúrio ao Senhor

Descalça vai sobre sarças  
Ninguém lhe cobre a nudez;  
Cai no triste desalento,  
Recorda o crime que fez...  
Ninguém diz à desgraçada:  
«Ergue a face, oh malfadada!  
«Olha o céu – espera o perdão!»  
Todos vão no seu caminho,  
Rindo-lhe o seu desalinho,

Rindo-lhe a sua aflição!

### III

O dorido tinir dessas algemas,  
Que roja a criminosa em chão d'espinhos,  
Ouvide-o, oh Senhor! – Ouvide a triste  
A deserta Sião! Deixai que o estigma  
Da face possam lágrimas de sangue  
Lavar-lho para sempre! Oh Cristo! ouvide-a:

«Sou culpada, Senhor! – mas eu não posso  
Curvar-me ao teu altar!  
Os ímpios derrubaram-lhe as colunas...  
Não tenho onde chorar.

Eu estou pobre, Senhor! – mendigo em lágrimas  
Um bocado de pão!  
Oh! vede a que miséria eu hei descido...  
Que imensa punição!

Meus ossos trespassados são de fogo,  
No brasido da dor;  
Que infindo mar d'angústia e de tormentos  
Vós me deste, Senhor!

A serpente do crime há-se enroscado  
Toda em volta de mim!  
É muito, oh Redentor, e já não posso  
Sofrer martírio assim!»

Lisboa – 27 de Março de 1850.

No álbum da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Rita de Moura Miranda

## O CANTO DO SUICIDA

Anjo, silêncio!... não chores...  
Amei-te muito... que importa?  
Vem beijar-me a face morta,  
Ouvirás sons do teu nome.

Quando a luz da vida escassa  
Nestes olhos já não brilhe,  
Não chores, anjo, não chores...  
Foi um destino... cedi-lhe.

Escuta o hino, que extremo  
Sinto aqui no coração...  
Ouves gemer a paixão  
Neste adeus ao mundo ingrato?

Luto... mal sabes que luta  
Sinto aqui dentro ferver...  
Nesta idade em que me mato  
Oh! tanto custa morrer!

Sempre a desgraça!... delicias  
Nem uma tive em partilha...  
Vi-te, tarde, oh casta filha  
De meus sonhos delirantes...

Olha... – eu devo ter dos homens  
Uma lousa... pobre sim...  
Se ma derem... vai de luto  
Uma vez chorar por mim.

Uma só... não te crimino,  
Se depois o esquecimento  
For no pobre monumento  
O epitáfio que tive...

Mulher, amada na morte,  
Levo saudades de ti...  
Extrema crença dum vivo  
Eras tu... não te perdi!...

Se tivesse est'alma um voo,  
Foras comigo... irias  
Deste ecúleo d'agonias



Onde vivi, e viveste!...

Estas coroas borrifadas  
Do sangue do coração,  
Despe-as a fronte pendida...  
Deu-mas o mundo... aí estão!

Venha o mundo, e deste sangue  
Que inunda a face ao precito...  
Escreva, cuspa na campa,  
Esta legenda – É MALDITO!

Anjo! silêncio! não chores...  
Amei-te muito... que importa?  
Vem beijar-me a face morta,  
Ouvirás sons do teu nome!

15 de Janeiro de 1851.

À Il.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup>

**D. ANA DELFINA D'ANDRADE**

**ABADESSA REELEITA**

– IMPROVISO –

*No Mosteiro de S. Bento da Avé Maria da  
Cidade do Porto, em Outubro de 1850*

Entre os vates, que vieram,  
E lindos versos fizeram,  
Sou humilde trovador.  
Eu fiz canções de tristeza,  
Cedi à dor que me pesa,  
Falando em mágoas d'amor.

Raras vezes a alegria  
Me sorriu na poesia  
Sempre ervada d'agro fel...  
Raras vezes, que a desdita,  
Se ledos versos excita,  
São dum sorriso cruel.

Mas não venho aqui contar-vos  
Cenas, que não podem dar-vos  
Um momento de prazer:  
Venho buscar um ensejo  
De contar-vos um desejo,  
Que no peito sinto arder.

É um desejo sagrado,  
Dito em verso não dourado,  
Mas singelo e franco sim:  
É uma santa vontade,  
Que não perde a majestade  
Por ser sentida por mim.

Eu me prostro á clausura,  
Onde vive a formosura  
Em seu candor virginal:  
Sinto amor, mas não da terra;  
É sentimento que encerra  
Vago celeste ideal.

Não tem voz a natureza,  
Quando este amor de pureza  
É todo o filho do céu  
É paixão que não insulta  
O rubor na face oculta  
Debaixo do casto véu...

Escutai a voz profana  
Do que ousa erguê-la ufana  
Às esposas do Senhor.  
Quereis saber que deseja  
Essa alma, que rasteja  
Entre os espinhos da dor?

É que a vossa idolatrada,  
Augusta, e nobre prelada.  
Tantos anos viva aí,  
Quantos anjos hão-de um dia,  
Com seus hinos de alegria,  
Voar com ela daqui!

## VIVIA!

Quando li, anjo, os teus versos  
Tive orgulho e fui feliz!  
Senti muito... quis contar-to,  
Mas não posso revelar-to  
Como o coração mo diz –.

Tens talento – sentes muito,  
Compreendes quanto queres...  
És distinta quando falas,  
Quando sentes, quando calas,  
Quando és anjo entre mulheres –.

Tens desprezo pelo mundo?...  
Ah! não tens... não podes ter...  
Corações tais como o teu,  
Podem, sim, prender-se ao céu,  
Mas têm fogo até morrer.

Existências há na terra,  
Que ninguém compreendeu;  
Há mistérios escondidos,  
Há segredos não sabidos,  
Oh!... se os há... que os sinto eu...

Adivinhas, porventura,  
Se no mundo existe alguém,  
Que não fala, e só comprime  
A paixão, que nem exprime  
Pelo amor que em si contém –?

Adivinhas se é poeta  
Que te adora e não te vê...  
Que se impõe cruel preceito  
De sentir morrer-lhe o peito,  
Antes que um suspiro dê?

Adivinhas se nos sonhos  
Desse escravo, que te adora,  
Vem fugir-lhe de passagem,  
O clarão da tua imagem,  
Como à flor lhe fulge a aurora?

Tu sorris!... Eu adivinho  
Que sorris dos pobres versos  
Onde não achas beleza,

Mas só vês de quem te preza  
Vagos sons d'alma .dispersos.

Tu sorris!... talvez sentisses  
Uma outra inspiração,  
Se pensasses que há mistérios,  
Que não dizem cemitérios,  
Nem mudas campas no chão.

Chorarás?... talvez!... quem sabe  
O que tu sentes por mim?  
Compaixão, ou desconceito,  
Indiferença, ou um despeito,  
Tudo sentes, não é assim?

Podes ser gelo na alma,  
Podes não ter coração;  
Mas privar que eu por ti sinta  
Afeição, jamais extinta,  
Tu... poder... não podes, não!...

Vi-te!... e a causa?... há um destino,  
Em que eu creio, e não mo diz!...  
A razão por que te amei,  
Essa, sim, sou eu que a sei...  
– E por ser muito infeliz! –

Há paixões, anjo do céu,  
Que embalavas na ventura,  
Nem o mundo as envenena,  
Nem a crítica as condena,  
Nem lhes cava a sepultura...

Mas eu, filho da desgraça,  
Que amo só para sofrer,  
Já prevejo o meu martírio...  
– Muito amor, muito delírio,  
Para enfim tudo perder!...

Não irei a paz dos anjos  
Em teu seio perturbar...  
Dorme o teu sono de virgem,  
Que eu, no ardor desta vertigem,  
Não te irei lá despertar!...

## O ÓRFÃO

Vede-lhe a face lívida da fome,  
E os olhos turvos dum chorar inútil!...  
Dentre andrajos fétidos e palha,  
Ergueu, há pouco, os franzininhos membros,  
E ei-lo, vindo a vós, medroso e tímido,  
Uma esmola pedir por caridade.

Ao órfão desvalido que humedece  
De lágrimas o pão que lh'esmolardes  
As costas não volteis.  
Arrastado no mundo sobre espinhos,  
Não vos pede carícias... só implora  
Que a fome lhe mateis.

Quando o frio da noite lhe apavora  
Das pálpebras o sono, que é refúgio,  
Derradeiro, talvez, ao desgraçado...  
O órfão, que não tem porvir ou esp'rança,  
Transporta-se ao que foi, e a vaga imagem  
Da mãe, que lhe sorri, dá-lhe um conforto.

Ledas recordações, se pode tê-las  
Um filho que perdeu meigos afagos...  
É o órfão feliz...  
Recorda-se que uns lábios lhe tocaram  
Seus lábios, não tingidos pela fome,  
Nas faias infantis.

Ledas consolações em largas noites  
São essas, que lhe presta a fantasia,  
Liberta das algemas da miséria.  
O órfão embalado por quimeras  
Da mente a recordar gozos perdidos,  
Dorme, e sonha depois mentidos sonhos.

No céu desponta a luz... Desperta o triste,  
Olha em torno de si... não vê um escasso  
Bocadinho de pão!...  
O filho da amargura, as mãos mirradas  
Erguendo para Deus, pede-lhe a morte  
Em férvida oração.

É surda a Providência... Ecos doridos  
Do mártir da penúria não comovem  
A compaixão do Eterno!... Ele, mendigo,

O órfão vai á porta do abastado,  
Suplica, e a chorar, espera... espera...  
De gélido cinismo um *não* tardio.

Exausto de vigor, lasso de fome,  
De lágrimas, e súplicas cansado  
Não pode já rogar.  
No pórtico de mármore dum rico,  
Sentara-se, o infeliz, e o rico, ao vê-lo,  
Mandara-o *caminhar*.

«*Caminha*, que é teu crime esse ferrete  
«De mendigo, que tens na magra face,  
«E nos trapos nojentos que te vestem...  
«*Caminha*, que é vedado ao verme ascoso  
«De rojos pela esquálida miséria  
«Roçar-se vil nos pórfidos do rico.»

E o órfão caminhou... Rodavam seges,  
Cruzavam-se librés faustosas, ricas  
De nobre corrupção...  
As faces salpicaram-lhas de lama,  
E à mão, que ele estendera suplicante,  
Foi cega a compaixão.

Ã tarde, quando o sol dourava os orlas  
Do majestoso céu nos horizontes,  
O órfão mendigava um gasalhado,  
Um eido onde morrer!... A fome acerba  
Minara-lhe as entranhas, lacerando-as  
Nesse agro espicaçar d'íntimas dores.

Ouviram-no gemer a horas mortas,  
E dentre os lábios, que selara a fome,  
Soltara uma expressão...  
Não pedira comer, nem gota d'água,  
Nem vestes que a nudez lhe agasalhassem...  
Pedira a confissão.

No mesmo albergue, ali, em pobre esteira  
Velava angústias, corno ele, um velho  
De faces cadavéricas, sulcadas  
Por fomes, e trabalhos, e tristezas,  
Que não sabem chorar os que vão indo  
De berço à sepultura em chão de flores.

Erguera-se o ancião, e junto do órfão  
Soluçante joelhou, e com seus braços  
O corpo lhe cingiu...

«Pediste a confissão – diz-lhe o mendigo –  
«Aqui vim pra te ouvir... nesta hora extrema,  
Irmão, Jesus te ouviu...

.....

Que culpas confessara o agonizante  
Não disse o confessor... Diz que em seus braços  
Expirara de fome um desgraçado,  
Quais Outros que, vergados à penúria,  
Salvara muitas vezes num mosteiro,  
Onde, antes de mendigo, fora monge.

.....



## A VIÚVA

### I

A donzela, gentil de seus encantos,  
Em casa de seus pais, farta, mimosa;  
Vivera virgem casta d' inocência.  
Anelante de crenças, vê delicias  
Nos quadros, que lhe alindam áureos sonhos  
Embalados por mão da virgindade.

Melindrosa, corava quando ouvia  
Estranhos galanteios, que não eram  
As frases de seu pai, não perfumadas  
Dum éter sedutor, que a perturbava.  
Quisera ela, outra vez, não mais ouvi-las;  
E nesse esforço vão lutava, e, débil,  
Deixava-se prender nos laços meigos  
Das carícias d'amor, ébrio d' incensos.

Amou. Viva paixão ela inspirara  
Em mancebo formoso de virtudes,  
De génio, de feições, d' altos alentos.  
Foi dele ante o altar. Ali, tão linda,  
Curvada aos pés da cruz, arfa-lhe o seio,  
As faces virginais são cor dos lábios,  
E a mão, que aperta a mão feliz do esposo,  
Estremece... porquê? .....  
..... Mistérios d'alma!

### II

Tão feliz, nos braços dele,  
Aquela meiga consorte  
Cismava tanto na vida  
Tão longe estava da morte!...  
Não lhe pungia a saudade  
De singela mocidade  
Nem dos carinhos da mãe...  
Sei coração não podia  
Tanto amor, tanta poesia,  
Repartir por mais alguém.

As frescas rosas da face  
Não lhas murchara o tufão  
Da tempestade que passa  
E desfolha uma ilusão.

Dera-lhe o céu piedoso,  
Dentre os seus anjos, o esposo  
Para todo o seu viver!...  
Só pedia a Deus – na morte,  
Lhe coubesse a ela em sorte  
Primeiro que ele, morrer.

Que importava o laço augusto,  
Que a cingira ante o altar  
Ao mais leal dos maridos,  
Que lhe não dera um pesar?  
Desgraçada!... ela só tinha  
Seu domínio de rainha  
Sobre um nobre coração:  
Mas, se o *alarma* das batalhas,  
Rugir ao trom das metralhas,  
Quem lhe respeita a paixão?

Seu marido... esse não pode  
Que jurou bandeiras já:  
Pela honra dum partido  
Em que *crê* a guerra irá.  
Irá no campo onde a luta  
É d'irmãos feroz disputa  
Ser um cadáver, talvez...  
Mas ceder aos prantos dela...  
Trepidar ante a procela...  
Isso não – que é português.

Nem dos tenros dois filhinhos  
Podem lágrimas valer:  
Diz que o nobre amor da pátria  
Não permite filhos ter.  
Diz que a pátria geme escrava,  
E que o solo, onde ela crava  
Da *liberdade* o pendão,  
Deve ser honrosa lousa  
Onde vá carpir-se a esposa,  
Livre já da escravidão.

E partira. Nesse dia  
De dorido e acerbo adeus,  
Joelhara a mãe e os filhos  
De mãos erguidas aos céus.  
Pelo pai mais carinhoso,  
Pelo mais amado esposo  
Choravam juntos da cruz:  
Pranto de sangue chorava  
A mãe, que os filhos mostrava  
À Virgem, mãe de Jesus.

### III

Ao sopro fervente dos campos da morte  
Lá marcham soldados heróis tantos mil!...  
Acesos se abrasam nos seios da pátria  
Os ódios malditos da guerra civil!

Dos braços da esposa, que o susto apavora,  
O pai de seus filhos a guerra usurpou;  
Dos braços maternos a mão da desgraça  
O filho, que extremo lhe resta, arrancou.

Intrigas perversas de *nobres* traidores  
No sangue se nutrem da pátria comum:  
Que mostrem nas faces o sangue que vertem  
Os grandes que os ódios inflamam? – nenhum!

Quem pende a cabeça no chão mutilada,  
Quem sente no peito uma bala a ferver,  
E esse que a *lei* roja em nome da pátria,  
Qual rês no açougue da pátria a morrer.

É esse; que arbítrio não teve o *soldado*  
Se a voz prepotente dum grande bradou!  
É esse que um *soldo* escraviza a caprichos,  
E em nome da pátria bastarda expirou.

Ao sopro fervente dos campos da morte  
Lá marcham soldados heróis tantos mil...  
Acesos se abrasam nos seios da pátria  
Os ódios malditos da guerra civil.

### IV

Desfraldam-se estandartes salpicados  
De sangue fratricida!  
No campo frente a frente, pavorosos,  
Dois bandos vão travar, vertiginosos,  
Questão de morte ou vida!

Dum lado é português quem brande a espada  
Em nome do seu Rei.  
Ali, não vedes só rojar-se um ‘scravo  
Aos pés de seu senhor... vedes um bravo  
Que morre pela Lei.

Também é português quem vibra o ferro  
A voz da Liberdade,  
Mentidas ilusões, mentida palma,

Frenéticas paixões lhe acendem n'alma  
Baldada heroicidade!...

Cruzam-se as balas – estridor confuso  
Retumba o arraial...  
Fremete escarva o andaluz irado  
O fosso onde seu dono ensanguentado  
O ai soltou final!

Além, naquele cerro, o peito aperta,  
Nas contorções da dor,  
Um mancebo gentil, que vê, na morte,  
Mirrados lábios d'infeliz consorte  
Dar-lhe um beijo d'amor...

No colo dela, dois filhinhos caros  
Banhados de chorar...  
Dois órfãos desvalidos, miserandos,  
Que irão pedir esmola a um dos bandos  
Que um dia triunfar.

Mil túrbidos fantasmas lhe revoltam  
A mente alucinada...  
Em seus lábios febris um nome esvoaça,  
Um beijo... extremo adeus do que trespassa,  
À esposa angustiada!...

Lá tem na frente a c'roa do guerreiro...  
– É do sangue d'irmãos! –  
E a frente vacilou... já sente o forte  
Geladas bagas do suor da morte  
Nas já convulsas mãos.

E as mãos convulsas levantando a Cristo,  
Em segredo rezou...  
Legara os filhos seus á Providência?  
– Pedira para a esposa a Deus demência?  
Quem sabe?... Ele expirou!

V

Orgulhosos castelos ostentam  
As bandeiras do seu vencedor:  
Borrifadas as faces de sangue  
Vem na paz pedir prémio ao valor.

Foram fartos os prémios que deram  
As mãos largas de quem triunfou...  
E dos mortos que os vermes roeram...  
Eram mortos... – ninguém se lembrou!

Vão nos campos heróicos da guerra,  
Onde jazem as cinzas do herói,  
Vão seus filhos ás urzes da terra,  
Perguntar – o seu leito onde foi?!

Nem um pobre vestígio de lousa,  
Nem nas trevas do olvido uma luz,  
Nem legenda que diga – *repousa*  
*Um cristão ao sopé desta cruz!*

Ai dos vivos, que os mortos não erguem  
Mais a fronte que a espada rasgou;  
Nem infâmias de vivos perseguem  
Quem na morte heroísmos legou!

Ai da esposa, dos filhos, que vagam  
Dando um nome, que grande já foi...  
Mas que importa, se insultos lhes pagam  
Do soldado as façanhas de herói!

## VI

Depois do anoitecer – envergonhada,  
Vos pede a parca esmola a mãe duns filhos,  
Que perderam seu pai –  
Erguei-lhe o véu de dó – vede-lhe o rosto  
Lacerado da fome, e o pranto amargo  
Que nas faces lhe cai!...

Viúva... sem recursos, sem parentes,  
Um amparo, que tinha – o seu marido  
Nas batalhas morreu!...  
Passageiro, que vais, não tens que dar-lhe,  
Não tens um só ceitel?... mas dê-lhe a esmola  
Essa mão que venceu.

As migalhas da mesa, os vossos restos,  
Lançai-os a dois órfãos que mendigam  
Da fome o negro pão...  
Vós, grandes que subsistes à grandeza  
Por cima do cadáver do soldado,  
Vergai á compaixão!

Manhã... morta, talvez, a mãe que os chora,  
Ingratos, que fareis dos pobres filhos  
Dum nobre militar!?  
Deixá-los-eis passar, lívidos, rotos,  
Descrentes, sem pudor, mortos d'esp'rança  
No roubo o pão buscar?

Irão, irão, que a mãe na sepultura  
Esquecida por vós, mártir d'afrontas,  
Seus filhos não verá...  
No tribunal de Deus... sois *vós* e *ela*...  
– Mas as contas que encerram crime e infâmia –  
Quem é que as saldará?!...

## SE QUISESSES!...

Eu não sei se afectos podem  
Galvanizar quem morreu!...  
Tu, mulher, tão carinhosa  
Como a esp'rança presa ao céu,  
Queres á luz da evidência  
Levar a tua experiência  
Sobre um cadáver? Sou eu!

Fita bem teus olhos negros  
Neste sorrir que me vê...  
Se mo dissipas dos lábios,  
Ressuscitas-me talvez!...  
– Um epitáfio na lousa  
De coração, que repousa  
Neste sorriso não lês?

Dentro em mim é tudo abismo  
Tudo gelo e escuridão!  
Vem com a luz de teus olhos  
Ver o que é meu coração...  
Vês uma harpa gelada?  
Já foi fogo!... se és fadada  
Faz vibrá-la à tua mão.

Tira-lhe um hino chorado  
Para ti ou para Deus;  
Faz que a dor, filha da terra,  
Tenha um refúgio nos céus;  
Que, depois, virgem chorosa,  
Desta harpa suspirosa  
Todos os hinos são teus.

Alta noite o pensamento  
Há-de acordá-lo a poesia;  
Se na terra inda estiveres  
Dou-te um hino de alegria...  
Se te vir brilhar no céu,  
Deixarás um mausoléu,  
Chorarei lá noute e dia.

Se eu morrer, e não tiveres  
Entre túmulos terror,  
Vai curvar-te onde se hasteia  
O pendão do redentor...  
Chora aí toda a amargura,

Que a mudez da sepultura  
É inda um hino d'amor!

5 de Abril de 1850.



## AO MORIBUNDO CISNE DO VOUGA

(FRANCISCO JOAQUIM BINGRE)

I

Gemeu-te a lira lutuosa e triste  
Entre os dedos mirrados!  
Que doridas canções tu não carpiste!  
Que profundo sofrer, bardo, exprimiste  
Nos carmes pranteados!...

Vagavas solitário pelo mundo  
Da acesa fantasia;  
Na terra o teu gemer era infecundo,  
Sem dó, sem compaixão, e tão profundo  
O coração gemia!

Sobre o leito da dor o corpo lasso  
Morria-te, ancião!  
Faltava-te do amigo o terno abraço,  
Minguava-te da vida o pobre e escasso  
Bocadinho de pão!

Tu que tinhas aqui alma abrasada  
Por fogo juvenil?!  
Decrépito na vida extenuada,  
Que importavam canções, se a mão mirrada  
Não pedia um ceitel?!

No leito do trespasse onde gemias  
Abandonado e só,  
Conversavas coa morte, e lhe pedias  
Mudasse a amarga taça d'agonias  
Em urna de teu pó.

Pedias o morrer, que o desconforto  
Na velhice é cruel...  
Não ouviras gemer na campa o morto,  
E o túmulo sorria-te qual porto  
Ao perdido baixel.

Das misérias da terra a mente erguias  
Ao trono de Jesus!  
A Ele, a Ele só, teu peito abrias  
Rasgado pelas roixas agonias  
Da pobreza na cruz.

## II

E os homens passavam de perto ao teu leito  
Que cercam fantasmas de pálida fome;  
Passavam... mas, surdo, o martírio em teu peito,  
Não vaza uma gota do fel que o consome.

Arcanjos celestes, cantando os teus hinos,  
Se os homens os vissem saudar-te ao morrer,  
Diriam – lá gemem os sons tão divinos  
Do cisne expirante, que vamos perder!...

Iriam, cantor, de grinaldas cingir-te  
A frente onde brilha fatídica luz;  
Despiras andrajos, que eu vejo cobrir-te,  
Subiras um trono, desceras da cruz.

– Que a cruz do poeta que a fome há vergado,  
Se altivo ergue a frente á suprema desgraça,  
Tem coroa d’espinhos, injúrias, e o lado  
A lança d’ingratos sem dó lho trespassa!

## III

A luz dum raio divino  
Te aqueceu no berço a frente:  
De lá viste imenso o orbe  
D’esperanças sem horizonte!...  
Através do falso prisma  
Da fantasia que cisma  
Em dourados sonhos vãos,  
Quantas vezes venturoso  
Ergueste ao céu, fervoroso,  
O pensamento e as mãos!

Poeta! diz como era lindo  
Esse claro céu de amor  
Não toldado pelas nuvens  
Dum desengano traidor!  
Que é dos hinos que entoaste,  
Que é dos anjos que exalçaste  
Nos teus estos infantis?  
Não tens páginas saudosas  
Onde vertas copiosas  
Bagas de pranto, infeliz!?

Rasgaste-as, *Bingre*, essas folhas  
Onde a mão da inocência  
Com letras d’ouro escrevera

Mais amor que sapiência?  
Já não tens esses primores  
Onde eram fogo os amores,  
Onde era amor o existir?  
Não tens impressa na mente  
Uma harmonia fervente  
Das que inspirava um sorrir?

Dá-nos as páginas d'ouro  
Que te não pertencem só.  
A tua alma está nelas  
Que o teu cadáver é pó.  
Imprime, *Bingre*, os teus versos  
Onde transluzam dispersos  
Os teus dias que lá vão:  
Lega á pátria, onde sofreste,  
Quantas lágrimas verteste  
Vitimado á ingratidão.

Torva sombra dum cipreste,  
Enlutando a sepultura,  
Não são honras funerárias  
Nem é prémio á desventura!  
*Camões* não tem uma lousa,  
*Bocage* onde é que repousa?  
Não tem *Filinto* um padrão!  
Onde é que tu viste escrita  
Legenda, que lembre *Quita*,  
Ou memória dum *Garção*?

Cisne, que expiras, descanta,  
Dá-nos a história da morte;  
Diz se a alma ao céu voando  
Vai feliz em seu transporte.  
Diz se contrista a saudade  
D'ilusória mocidade  
Com seus encantos, e dor...  
Diz se as crenças renascentes  
N'alma vem dos mais descrentes  
Inspirar fé no SENHOR!

#### IV

Eu li teus versos, e nos seios d'alma  
Senti consolação...  
Vi que o homem pedindo ao chão da morte  
Aguarda sem pavor o extremo corte,  
E ergue até ao céu, em seu transporte,  
Fervorosa oração!

Irei, poeta, irei no teu sepulcro  
Um goivo desfolhar...  
Na campa, onde o dormir em sono infindo  
É descanso final ao que carpindo  
Esta vida viveu, e alfim, sorrindo,  
No céu vai repousar!

17 de Dezembro de 1850.

## CONSCIÊNCIA

De que serviu este pranto,  
Quem m'escutou nesta dor?  
Dói a alguém a oculta lágrima  
Chorada sobre uma flor?

CAROLINA DA V. C. B. – (*Lamentos*)

### I

Eu, homem, que descrê mentidos brilhos  
De auroras, que o porvir me luz nos olhos,  
Tristes trovas farei, onde os relevos  
D'entranhada descrença e desalento  
Excitem compaixão nos que inda esperam  
Sorrisos entre lágrimas na terra.

### II

Nas horas d'insondável amargura,  
Imagem de mulher, banhada em pranto,  
Transluz dentre o palor das minhas trevas,  
E suspenso me tem, horas que fogem,  
Nos céus da fantasia alucinada!...

Na solidão da dor, quando me acurvo  
Ao ídolo da morte e peço a campa,  
Sentada vejo ali junto da lousa  
Imagem de mulher banhada em pranto,  
Abrindo-me em seus braços um refúgio.  
Eu choro então por ela, e em seus olhos  
Libando o pranto amargo, que lhe tiro  
Do coração que estala, eu sinto a ânsia,  
A ânsia de viver, viver por ela...

### III

Ha dias de terror, que me torturam!  
Eu tenho-os quais ninguém talvez os sinta,  
E peço ao Redentor que os não inflija  
Em dura punição aos que me ofendem!  
São dias que me custam muitos anos,  
Que a morte intempestiva me arrebatam!  
Eu vou buscar então nos lábios pálidos  
Dum anjo de martírio um rir esp'rançoso,  
Um hálito de vida, e sinto alentos...  
Alentos... para quê? – não sei, mas sinto-os,

.....

#### IV

Que vida ervada assim d'agros venenos!...  
Que vida até morrer! e tanto espinho  
Do berço até à campa eu vou pisando!...  
O homem, quando olhou seus próprios males  
E pasma ante o sudário sanguinoso  
Da sua vida incrível de tormentos...  
Este homem é prodígio de desgraças!...  
Chorai-o, porque a dor solveu-lhe os crimes,  
E o sangue que verteu dos seios d'alma  
Lavou-lhe as nódoas da pendida frente.

#### V

A dor envelheceu-me! Eu vivo há muito  
Sem fé, nem ilusões... – estas morreram,  
E eu, qual sombra delas, ei passado  
Em frente dos que invejam meu destino.  
Velho... eis-me ao nascer crenças a muitos!...  
Se instantes vagos a paixão me agita  
O coração gelado, a alma estéril,  
Eu sou qual fronde no carvalho anoso,  
Que verga ao furacão, e range e estala,  
Ou, pelas auras brandas bafejada,  
Não tem gozo nem dor... – vive e não sente!

#### VI

Que é do teu fogo, coração que ardia  
Em fogos de paixão, se te abrasavam  
Os olhos de mulher vista num sonho?  
E os mundos meus tão mágicos de crenças,  
Quais lúcidas visões de acesa febre  
Que é deles? – vi-os eu espavoridos  
Passar, fugi, no resvalar dos anos,  
E com eles sumirem-se nas trevas  
Desse abismo, chamado a consciência!

#### VII

Amei já este céu – amei-lhe os astros  
Em consoladas noutes de tristeza  
Suave ao coração! Na Primavera  
Pulava-me em verdor a vida alegre  
Nos seios d'alma qual no prado a rosa,  
Que as asas do suão prestes desfolham.

Nas florestas d'aldeia eu tinha o estro,  
Não de trovas rimadas, mas de vagos  
Cantares deste amor, onde ressumam  
Perfumes d' inocência ingénua e crente.

Que amor eu tive ao sol que, à tarde, esplende  
No rúbido horizonte em céu d'estio!

Sentado sobre as fragas da montanha,  
Sozinho, eu, cismador d'alvas esp'ranças,  
Bendissem a criação, vendo-me erguido  
No trono, onde, imortal, me fora dado  
Um diadema augusto o pensamento! –

Senti espontâneos hinos ressoarem  
Cá dentro, onde há mistérios nubelosos  
Nos transparentes véus d'alma, que vibram  
Os magos dedos d'infantil poesia.

Poeta... eu sei que o fui!... Amei dos campos  
A mais formosa flor – a virgem rude  
Que tem na tez morena a cor do pejo,  
E nos queimados lábios o sorriso  
Da íntima alegria... Eu despertava  
Dos meus primeiros sonhos namorados,  
Naquele madrugada tão bonançoso,  
Com ela, ébrio d'amor, sempre na mente!...  
A mão trigueira pelos sóis d'Agosto  
Beijei-lha com fervor! – mudo ao pé dela  
Nas encostas do vai, entre arvoredos,  
As tardes me fugiram como sonhos  
Do que sonha venturas instantâneas.  
Ao ver baixar o sol, senti descer-me  
O véu de melancólica saudade  
No ledó coração, puro de crimes.

## VIII

Que vida eu tive então!... sempre saudoso  
D'indefiníveis gozos, sempre triste,  
Mas triste sem remorsos, nem terrores...  
Que imensa aspiração me arfava o peito,  
Que esp'ranças nevoentas no mistério  
Das ilusões alvíssimas dum crente!...

Meus Deus! que ingratas dores tive em troca  
Da singeleza d'inocentes risos!

.....

## IX

Outra infância não tive! Aqui cerrou-se  
O meu sacrário d' ilusões e afectos!  
Depois entrei no mundo, e às portas dele  
Senti dum anjo a mão rasgar-me a venda...  
Dum *anjo!!* – que as paixões então senti-as,  
Paixões vertidas n' alma em fogo, e essas  
Mentiu-mas esta fé nos dons astutos  
Da tão linda *mulher*, que eu julguei *anjo*.

## X

Eu não penei atado ao poste acerbo  
De traições de mulher!... ferrete ignóbil  
Nenhuma inda o cuspiu na minha frente...  
Mas sinto o coração sem luz d' afectos!...  
Não sei que sopro d' infernal mistério  
Passou dentro dest' alma, onde brilhara  
D' imaculado amor vivido facho!  
Cansaram-me desgostos lentos, agros,  
Tristes desilusões, voos mentidos,  
E esperanças delidas, descoradas,  
E a *verdade*, enfim, a atroz *verdade*,  
Positiva, carnal, inalterável!

## XI

A crença, morta assim na madrugada  
Do fugitivo dia das quimeras,  
Não mais ressurgente dentre os gelos d' alma!  
Depois, os anos vêm um após outro,  
Pálidos, assombrados como larvas,  
Que desfilam, sozinhas, taciturnas,  
Nos áridos desertos desta vida  
Cujo oásis de paz é no sepulcro!

16 de Março de 1851.



## QUERES A FLOR?

Em má hora, anjo perdido,  
Me pediste alguma flor!...  
Das que tenho, que são quatro,  
Nenhuma fala d'amor.

A primeira é a *saudade*,  
Cujo espinho atravessou  
O coração, que a regara  
Com pranto, que ela secou.

A segunda é um *martírio*,  
Que me deram, quando amei...  
Foi-me caro – é um tesouro,  
Que por lágrimas comprei.

A terceira é dos sepulcros,  
– E um *goivo*... não to dou,  
Fui colhê-lo ao cemitério...  
Entre mortos vegetou!

A quarta... sim... dou-te a quarta,  
É uma *rosa*... mas olha...  
– Se eu morrer, e tu sentires,  
Na minha campa a desfolha...

5 de Abril de 1851.

## FEBRE

### – FRAGMENTO DO LIVRO DE\*\*\* –

#### III

Nuvem, que passas ligeira  
Além, nas orlas do céu,  
Tu serás a mensageira  
Duma virgem, que morreu?  
Virás tu do paraíso,  
Encantada num sorriso,  
Qual te vi nos sonhos meus?  
Vens ao mártir dos tormentos  
Trazer-lhe santos alentos  
Em nome d'Ela e de Deus?

Pára!... vê que neste rosto  
Fogo d'alma não transluz!...  
Olha o profundo desgosto  
Que me verga á minha cruz!  
Sofro muito!... ninguém pensa  
A dor que estala de intensa  
Neste coração, que foi  
Nas paixões sempre delírio,  
Na recompensa martírio  
E no martírio um herói!...

Sofro muito! E nenhum laço  
Me tem hoje ao mundo preso;  
Os que tive eu despedaço  
Quando eu próprio me desprezo!  
Sofro muito, e ninguém sabe  
Quanto fel aqui me cabe  
Nos seios do coração!  
Sofro, calado, maldito  
Qual o judeu, que, proscrito,  
Vê perpétua a maldição!

#### IV

Fizeram-me infeliz! Nasci sem culpas,  
Um berço também tive d' inocência,  
Falei com lábios puros – virgem d'alma,  
Fora um anjo dos céus!  
Fizeram-me infeliz! Entrei no mundo  
Com este coração rico de alentos,

Abrasado no amor, ardente em crenças,  
Veementes em Deus!

Fizeram-me infeliz! Vede-me apenas  
No começo da vida, e tenho a face  
Mirrada pela dor, e a luz dos olhos  
Vacilante a morrer!  
Se apalpo o coração, não acho vida,  
Nem lágrimas ao menos que me prestem  
Na hora do trespasse inda o desejo  
Dum dia mais viver!

Foi a filha do céu, a Providência,  
Que ao *nada* quis descer do trono augusto,  
Do *nada* me tirou, e as portas amplas  
Do mundo abrir-me quis.  
Maldigo a Providên... perdão, oh Cristo!  
Os homens, sim, maldigo-os... foram eles  
Que em paga d'ilusões que me mataram,  
Fizeram-me infeliz!

V

*Ao nada!* – grita-me um brado  
Que a consciência me dá:  
*Ao nada!* – diz-me o cadáver,  
Que naquela campa está!

Desgraçado! eu nada tenho!  
Quero crer... não tenho fé!  
Erguei-vos, mortos, dizei-me:  
«*Eternidade...* o que é?»

.....  
.....

VI

Réprobo, blasfemei, quando este inferno,  
Que me abrasa por dentro, é em meus lábios  
Um sinistro clarão!  
O ímpio é desgraçado; e quantas vezes  
A lívida desgraça faz o ímpio  
Sem fé, sem contrição?

Eu contrito, prostrado, hei-de ter lágrimas  
Nas torvas horas do morrer aflito  
Contorcido na dor!  
Chorá-las-ei então... Talvez que o *crime*,  
Assim chamado aqui, sejam *virtudes*

No céu, ante o Senhor!

13 de Novembro de 1849.

## TENTAÇÃO

Tu da morte anjo invisível,  
Que devassas os mistérios  
Lá no seio dos sepulcros,  
No pavor dos cemitérios...

Vem comigo!... A hora é triste,  
Não respira a natureza...  
Tudo é trevas, mas os mortos  
Lá terão lâmpada acesa.

Vem comigo!... Eu quero ver-te  
Ao clarão da frouxa luz...  
Quero ver-te entre os valados,  
Onde alvejam ossos nus.

És o arcanjo! Evoca os mortos,  
Da trombeta o brado espalha!  
Faz que um morto além ressurja,  
Tinta em sangue inda a mortalha...

Lá surgiu!... foi poeta!... vês-lhe  
Sobre a fronte algum laurel?  
Vês-lhe o génio arder nos olhos?  
Vês de vermes negro anel!...

Podes, anjo, um ar de vida  
Nos seus lábios bafejar?  
Dá-lhe um alento!... eu quero ouvir-lhe:  
«Se há na campa o repousar!

«Se dos lábios dum perverso  
«Através irá da lousa  
«Inda o fel da injúria infame  
«Perturbar quem lá repousa.

«Ou se o infame, a horas mortas,  
«Do remorso é arrastado  
«Junto à campa, e pede ao morto,  
«O perdão de o ter matado!»

.....  
.....

\*

Ah! meu anjo!... se um perverso  
Torturado não expira,  
Honra e crime é tudo o mesmo,  
A providência é mentira!

Abril de 1850.

## O MONGE

Terreurs d'une Ame timide qui manque de confiance dans ses propres forces; expansion d'une Ame ardente qui a besoin de s'isoler avec son créateur; indignation d'une Ame navrée qui ne croit plus au bonheur, activité d'une Ame violente qui la persecution a aigrie; affaissement d'une Ame usée que le desespoir a vaincue: quels spécifiques opposent-ils à tant de calamités? Demandez aux suicides.

CHARLES NODIER

### I

Inflamado nos estos da infância,  
Um mancebo, abrasado em paixões,  
Viu-se aqui neste mundo, onde, em aneia,  
Arfa o peito anelando ilusões.

Em seus sonhos de crenças formosas,  
Através mago prisma d'amor,  
Mil imagens previu vaporosas  
Entre nuvens d'estranho fulgor.

E com elas gravadas na mente,  
Mal do mundo os umbrais penetrou,  
Viu nuns olhos o brilho inocente  
Duma virgem das mil que sonhou.

Que transportes ferventes lhe acendem  
Castos hinos dum estro febril!  
Mas que importa, se o não compreendem  
Lindos olhos em face infantil!?

Quando o mundo encontrou tão diverso  
Das esp'ranças, que tinha aspirado,  
Viu que a crença era um sonho disperso,  
Mal entre homens havia acordado.

Viu na sombra da crença esvaída  
Ir-se a luz do seu tipo ideal;  
– Que as delicias, previstas na vida,  
Converteram-se em gozo carnal.

A mulher, sensação melindrosa,  
Perfumada no seu coração,  
Apagando-lhe a fé luminosa,  
Perverteu-lhe o candor da paixão.

Pervertido o mancebo na alma,  
Que tão casta esposara as paixões,  
Foi com mão libertina uma palma  
Na requesta colher das traições.

E colheu-a... Foi fácil colhê-la  
Com destrezas gentis de devasso!  
Se de crimes a glória quis tê-la,  
Conseguiu-a, e alfim o cansaço...

O cansaço prostrou-lhe os sentidos  
E gelou-lhe os desejos ferventes...  
Só tem n'alma a surdez dos gemidos,  
Quando a ferem remorsos pungentes.

Não tem alma que aspire um desejo,  
Nem desejo sagrado à virtude!...  
Das donzelas o cândido pejo  
Enfastia-lhe o espírito rude.

A seus pés desfolhadas as flores  
Das grinaldas de virgens traídas,  
São despojos calcados d'amores,  
Cuja glória são honras cuspidas.

Quando o crime irritado num sonho,  
Alta noute, se encosta ao seu leito,  
E lhe crava o remorso medonho  
Nas entranhas do íntimo peito,

O mancebo desperta aterrado...  
Vêm-lhe à mente os espectros sanguentos,  
Que da campa do tempo passado  
Ressurgiram terríveis, sedentos!...

Vem-lhe à face o terror do que sonha  
Logo após um cruento homicídio!  
Mas na alma lhe esvoaça risonha  
Uma ideia... – a do atroz suicídio!

## II

As noutes pavorosas de remorso  
Veladas pelo filho da desgraça  
Só sabe o que elas são homem que esconde  
Um crime atroz na escuridão da alma:  
As grandes aflições não se adivinham...  
É preciso sofrer, chorar, e as lágrimas  
Dessorá-las no sangue!

Este mancebo



Foi só no seu martírio! As faces magras  
Envelhecidas, húmidas de pranto,  
Ninguém lhas enxugou!...  
Dói o abandono.

Bem mais que a desventura! O criminoso  
Mui dura expiação gemeu na terra  
Se os homens com desprezo o viram ir-se  
Na estrada larga da maldade impune.  
Deixaram-no sozinho. O ermo é triste,  
A dor lá não respira, e a angústia oprime,  
Cruenta, o coração, que é lacerado  
Pelo cancro roedor da impiedade.

Sim! o ermo tem consolações e mimos,  
E o bálsamo que cerra as chagas fundas  
Da consciência. Lá, há-de encontrá-lo  
Quem nas horas avessas d'infortúnio,  
E descrença nos homens, curva o joelho  
Diante duma cruz, e pede, e chora.

Chorar diante de Deus chorara o triste  
Com a face no chão... Dor tão aflita  
Não houve alguma a orvalhar com lágrimas  
A cruz deserta em solitária encosta.

A esperança do céu brilhou nas trevas  
Daquele espírito a penar torturas  
De dúvida e descrença! Extremo afecto,  
Espólio não manchado de torpezas,  
E esse êxtasis santo que reanima  
O réu dum crime, que repelem homens,  
E Deus ampara, e perdoa, e salva.

Nos lábios do mancebo, onde crestaram  
Lascivos beijos a candura d'alma,  
Murmura agora a fervorosa prece  
A súplica, o perdão, o amor divino,  
A compaixão de Deus, e a caridade!

Foi esta a oração do que, vergado  
Por desgraças da terra, exora a Cristo  
Um conforto do céu, a luz da esperança:

\*

«As nódoas dos meus crimes são patentes  
«Aos olhos do meu Deus!  
«Eu venho aqui, Senhor, entre inocentes  
«De crimes quais os meus,

«Eu venho orar também preces ardentes...  
«Serão dum réu as súplicas ferventes  
«Repelidas dos céus?

«Oh Cristo! – a aspiração que eu julguei morta,  
«No estéril coração,  
«Anseia o vosso amor! Sou réu!... que importa?  
«Olhai-me a contrição!  
«Vede a alma do réu que dor suporta!  
«A que infernos da terra ela o transporta!...  
«Depois... dai-lhe o perdão!

«Fui grande nas paixões, meu Deus!... perdi-me  
«Desvairado no amor!...  
«Despi-me d'ilusões... trajei do crime  
«D'ouro o manto traidor!  
«Uma virgem chorou... sofri... esqueci-me!  
«Outra virgem chorou... passei... sorri-me  
«D'escárnio aviltador!

«Depois, gelado n'alma o sentimento,  
«Amava as sensações,  
«Pedidas, tanta vez, ao sofrimento  
«D'estranhos corações!  
«Achei-os tão sublimes no tormento,  
«Tão santos no martírio!... e o amor violento  
«Paguei-lho com traições!

«Perverso, o meu cinismo depravado  
«Tornou-se ultrajador!  
«A honra escarnei no desgraçado  
«Sem manchas de traidor...  
«Virtuosos... nenhum quis a meu lado  
«Ouvir-me o audaz sarcasmo empavonado  
«Dum rir aviltador!

«Quando, mesmo no crime, o desconforto  
«Para o crime senti,  
«Chorei então, oh Cristo, o alento morto  
«Pois que tudo perdi!...  
«*Morrer!* o *nada!* ou na terra um horto  
«D'eternas agonias sem conforto...  
«Meu Deus!... muito sofri!

«Senhor! não mente o pranto que hei chorado!  
«Vedes meu coração!...  
«Abri braços de pai ao desgraçado  
«Ludibrio da paixão!  
«Que filho veio a vós, que haja voltado,

«Com o remorso n'alma atravessado,  
«Ao mundo, à corrupção!?»

.....  
.....  
Esse homem, que chorou gotas de sangue,  
Foi visto do Senhor! E grande o Eterno!

### III

Era no templo, e o órgão majestoso  
Na amplidão das naves reboava  
Acordes sons de música divina.  
O sol, no extremo céu, languente e froixo,  
Chamejando nas ondas purpurinas,  
Rúbidas réstias através coava  
Da esguia fresta no pórtico do templo.

Severo e triste no assombro aspecto,  
Por entre as turbas, que bendizem, crentes,  
O Deus de seus avós, vede um mancebo,  
Que tímido se prostra. Ei-lo inspirado,  
Erguendo as mãos, em oração piedosa,  
Reverente, exemplar, como se um justo  
De longa e santa vida ali rezasse.

Do monge a voz soturna, e melancólica,  
Dorida e cava, solta o hino lúgubre,  
Profundo, da paixão de Jesus Cristo.  
Era terrível a majestade augusta  
Das carpidas canções, que a voz do monge,  
Por entre as ondas do sagrado incenso,  
Erguia ao céu! Oh! dai-me um desses hinos  
De tão santo terror, que o vilipêndio  
Emudeceu, raivoso em suas iras  
D'impiedade egoísta e malfeitora!  
Dai-me um dos hinos fúnebres do templo,  
Do templo do mosteiro, onde hora jazem  
O monge e o verme no sepulcro aberto  
Por mão profanadora do passado,  
E opulenta de opróbrio ao que é cadáver!

.....  
.....  
Na alma do mancebo, rossiada  
Pelo orvalho do céu, a essas horas,  
Passavam-se mistérios grandiosos!  
Entre ele e o mundo, entre a culpa e a prece,  
Pusera a mão de Deus a mão do arcanjo  
Que desde o berço ao túmulo vigia  
A vida incerta desse frágil barro,

Que traz no coração *o crime e a honra!*

Se ali, aos pés do altar, foi provocá-lo  
Da tentação o sedutor sorriso,  
O pecador sentiu valer-lhe o anjo,  
E as lágrimas contritas do remorso,  
E o compassivo olhar dum velho monge,  
Que vê, nas faces lívidas dum jovem,  
O sangue, que hão vertido úlceras d'alma,  
Incuráveis no mundo!

Eis, de improviso,  
Os olhos do mancebo amortecidos  
Cravam-se fixos dum fulgor estranho  
Nas faces cadavéricas do monge.  
E o monge, ouvindo a inspiração celeste,  
Nos lábios macilentos abre um riso  
D' esp' rança animadora ao penitente.

#### IV

O templo era deserto, e o órgão mudo:  
Silêncio, e sombras, e a tristeza austera  
Das naves solitárias difundiam  
N'alma a poesia dos mistérios santos.  
Da multidão, que foi dali tocada  
Por mão da fé no fel da consciência,  
Há deles um cristão que não desvia  
Da cruz os olhos, e da lajem dura  
Os joelhos não ergue. E, lá, sozinho...

Extintas são as luzes já nos círios,  
Os gonzos rangem no portal da igreja,  
Descem as trevas como em céu de bronze,  
E o mancebo, estátua da tristeza,  
Ou da alegria em fervoroso êxtasis,  
Não respira, mas chora, e sente as lágrimas  
Caírem-lhe da face ás mãos erguidas...

A passos surdos sobre as lajes, vede-o  
O monge d'alvas cãs, símbolo santo  
De heróicos tempos de saudosas crenças!  
A mão tremente e descarnada pouosa  
No ombro do mancebo:

«Irmão – diz ele –  
«O pranto derramado em seio alheio  
«E menos amargoso a quem o verte...  
«Se um seio pecador tu queres, filho,  
«Eu dou-to... chorarás... Ergue-te, crente!  
«Desgraçado na terra é só o ímpio!»

E ergueu-se o homem, cujos lábios pousam  
Na mão do monge o beijo estremecido  
Por íntimos tremores. Ambos tristes,  
E mudos atravessam as arcadas  
Do taciturno claustro...

– Monge!... eu sofro...

– «Silêncio!» murmurou o monge –  
«Logo, «Mancebo, falareis... Não podem vozes  
«Quebrar esta mudez... O claustro é mudo  
«Como os túmulos...»

Alfim, na cela estreita  
Entraram, e fechada, como a lousa  
De dous corpos não mais vistos no mundo,  
Sacrário foi de dores misteriosas.

V

Era no templo do mosteiro ainda.

Um monge triste, pálido, mas triste  
De serenos pesares, inda moço,  
Desprende a voz do céu sobre os que o olham,  
No púlpito, solene e majestoso  
Como enviado de Deus! A fronte cinge-lha  
Uma auréola de luz! Dos olhos baços  
Desce-lhe o pranto, quando conta às turbas  
Os tormentos de Cristo! Ei-lo tão novo  
Inspirado dos anjos! Ei-lo erguido,  
Suspenso sobre a terra, como o arcanjo  
Nos paroxismos da ímpia Babilónia!

.....

– Quem é? – murmura a multidão do templo –  
«Foi um raio de cólera mundana!...  
«Solitário, gemeu... e é hoje a lâmpada  
«Dessa luz imortal, que brilha intensa  
«No caminho do céu, na voz dum monge!

## PROTESTO

O assombrado que dei aos meus versos, com traços de inconsolável desconforto, não foi capricho de poeta *byroniano*.

Praza a Deus que o fosse!

Choradas e ltuosas como o desalento, se estas trovas assim não fossem, eram Mentiras e não Inspirações.

Coleccionando-as, deparei o mesmo pensamento sob muitas formas.

Era a *desgraça* moral – o desgosto profundo, o peso da vida. Deixei-o nelas todas, porque a desgraça tem variadas manifestações.

É como as lágrimas, que vêm, uma após outra, com o mesmo travo aflitivo.

Se amanhã me disserem que nada prestam estas páginas copiadas da minha alma – esta revelação confusa dos meus insondáveis mistérios – eu não maldigo o meu livro, nem choro morta alguma das minhas desvanecidas esperanças.

Nada espero daqui.

Bem longe de estrear-me para melhor fortuna em novos versos, eu protesto e juro ao leitor, sob a mais santa das minhas crenças no céu – já que doutras não tenho – que não verá jamais poesia minha.

A crítica deve levar-me em saldo de contas este sério juramento, se em má hora vier, armada d'armas negras, pôr-me fora do glorioso torneio dos poetas.

Fora já eu estou, e parece-me que estava há muito.

Se eu ao menos pudesse, no dia das justas, dar um homem por mim!... Era-me tão fácil depará-lo sem acender a lanterna de *Diógenes!*...

Falando sério:

Estas minhas inspirações gemiam agonizantes no seu trespasse para o silêncio, que é a morte do poeta.

Morreram, e eu morri com elas.

*Camilo Castelo Branco*

Porto – 16 de Abril de 1851.

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por Ernestina de Sousa Coelho. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2001

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*